EDIÇÃO ESPECIAL

CULTURA

FEST IN FOLK UM FESTIVAL DO MUNDO COM ESTRELA DA UNESCO

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

04

Pedagogia na escola de todos

***"A vida e a cor das palavras"*, é um livro feito com amor pelos seus autores e ilustradores, com uma história curiosa de fadas e feiticeiras, uma aventura literária de duas turmas da escola de Santa Luzia.**

08

A cultura é um instrumento de acção política

Ricardo Araújo fala da cultura que é necessário produzir no movimento associativo como um sinal da independência cívica dos cidadãos para com o poder político.

12

Aqui há jazz, há mais de três décadas...

O festival de 2022 assegurou a qualidade das melhores edições com vários intérpretes de nomeada sendo Dianne Reeves a mais notada e evidente.

© GAI

JUNTE-SE TAMBÉM A NÓS EM:

TWITTER.COM/GUIMARAESAGORA
INSTAGRAM.COM/GUIMARAESAGORA
FACEBOOK.COM/GUIMARAESAGORA

© GA!

16

Quando o folk vira festa

Tem as cores do mundo, é uma miscelânia de culturas, uma fusão de folclore minhoto com outros folclores dos vários continentes que agora se tornou reconhecido pela UNESCO.

26

O teatro que nasce nas associações

A ASMAV surpreendeu com duas encenações de Moncho Rodriguez. A última que já havia marcado o fim da obra de Pirandello, foi também a última encenada pelo galego que se radicou em Portugal, há 40 anos que faleceu recentemente.

© GA!

28

A arte é o reflexo da alma do artista

42

Contextile já tem 10 anos

O têxtil também é uma arte contemporânea e isso ficou evidente no evento que marcou uma década de exposições, depois da sua criação em 2012 com a Capital Europeia da Cultura.

LIVRO DE PEQUENOS E GRANDES AUTORES

A Fada Andreia ficou animada com esta ideia, mas preocupada, pois a árvore estava numa ilha e o mar ainda estava muito agitado devido à tempestade.

A pequena fada estava com muito medo e pensava na sua amiga Sierra, para a ajudar. Enquanto se preparava para partir, a Baleia apareceu.

- Senti que precisavas de mim, por isso vim em teu auxílio.

Andreia ficou muito feliz por rever a amiga. Contou-lhe da sua missão de encontrar a Árvore Bondosa e sobre o plano de recuperar a bondade do Feiticeiro Gaspar.

- Claro que te levo até a ilha, mas desta vez tenho uma surpresa para ti.

Das costas surgiu uma bolha mágica para transportar a amiga. Andreia entrou na bolha e foi transportada pelo mar no meio da tempestade, mantendo-se tranquila durante todo o trajeto.

EXEMPLO DE PEDAGOGIA NA ESCOLA QUE É DE TODOS

Há uma história de fadas e feiticeiras que liga crianças e pais. Para além de escrita também foi *"contada"* em meio escolar e tem o título de *"A vida e a cor das palavras"*. E com a ilustração perfeita de Mónica Araújo.

© GA!

UM LIVRO ESCRITO POR PAIS E FILHOS QUE SE TORNOU NUMA AVENTURA LITERÁRIA E COM PEDAGOGIA

A sua concepção tem algo de original, para além do seu modo participativo ou participado: pais e familiares das crianças, também alunos, envolveram-se a contar e a juntar peças e pedaços da história.

"Foi uma aventura que começou" - escrevem as professoras Glória Batista e Conceição Pacheco, das turmas que produziram este trabalho. Numa das páginas do livro descrevem como *"Voaram as palavras/ Intensificaram-se palavras/Deram vida às frases/A escrita começou"*.

Todos participaram, incluindo personagens, conferindo-lhes missões, num enredo à volta de uma fada que procura reaver poderes perdidos.

As ideias encadearam-se e todos deram asas à imaginação, ajudando a escrever, *"sempre com muita atenção"*.

Nesta viagem em estilo de conto, porventura nas asas da imaginação, tudo foi ultrapassado: medos, perigos, seres estranhos. Porque à medida que as palavras se juntavam, *"as personagens ganhavam vida, as cores se misturaram, lembranças surgiram e as saudades apertaram"*.

Com risos e lágrimas partilhamos, *"A vida e a cor das palavras"*, simplesmente cresceu. Com os alunos do 2º B - foram 23 - e do 3º A - são 24 e os seus nomes estão impressos nas últimas páginas - , todos eles se tornaram autores e leitores, ajudando a contar esta história.

O curioso da história - e sem apontar isso como qualquer discriminação - há jovens autores com nomes estrangeiros, o que é de assinalar numa ensino inclusivo: Daniel Arias Agzamov, Jacob Josue Briceno Tovar, Israel Hora Nettesheim Martins Silva Vasconcelos, Khloe Castro Copic, Milano Bilokorovych, Omar Bem Nasrallah.

Eduardo Magalhães, musicólogo e avô de um aluno que consta da ficha de autores, foi quem apresentou o livro *"este conto que nos vai transportar a um mundo de fantasia e de magia onde os diferentes protagonistas se vão encontrando e cruzando as suas histórias ao longo das suas páginas"*.

E confessou que *"toda esta história, eu lia-a com um sorriso nos lábios em todo o colorido do seu desenvolvimento"*.

"Sente-se uma vida colorida nas palavras que o constroem" - disse Eduardo Magalhães. Que deixa a nota de *"A Vida e a Cor das palavras"* é para ser lido e não ouvido, apelando assim à leitura do que se passou *"na terra da Florilândia"* onde se vive a aventura.

Considera os alunos do 2º B e 3º A *"pequenos heróis deste projecto"* que com os seus pais *"conduziram este projecto a bom porto"*.

E destaca que não se notam as *"colagens"*, das diferentes intervenções. *"Parece uma história saída da imaginação de uma só pessoa"* - salienta.

Numa nota pessoal, o apresentador do livro, também com uma vida de professor, de mais de 30 anos, *"sempre reclamei pela integração da família no processo de aprendizagem dos alunos"*. E reforça: *"a escola não é só um espaço físico, vai para além dele"*. E aglomera *"professores, colegas, amigos e familiares, para falar só em pessoas"*. ●

MARIA FERNANDA BRAGA *"AGARROU"* A ARTE PELA OLARIA

© DIREITOS RESERVADOS

A Olaria sempre foi a sua profissão?
Eu sou algarvia e a minha profissão era desempenhar desenho técnico numa fábrica construtora de máquinas para a indústria corticeira. Trabalhava no gabinete.

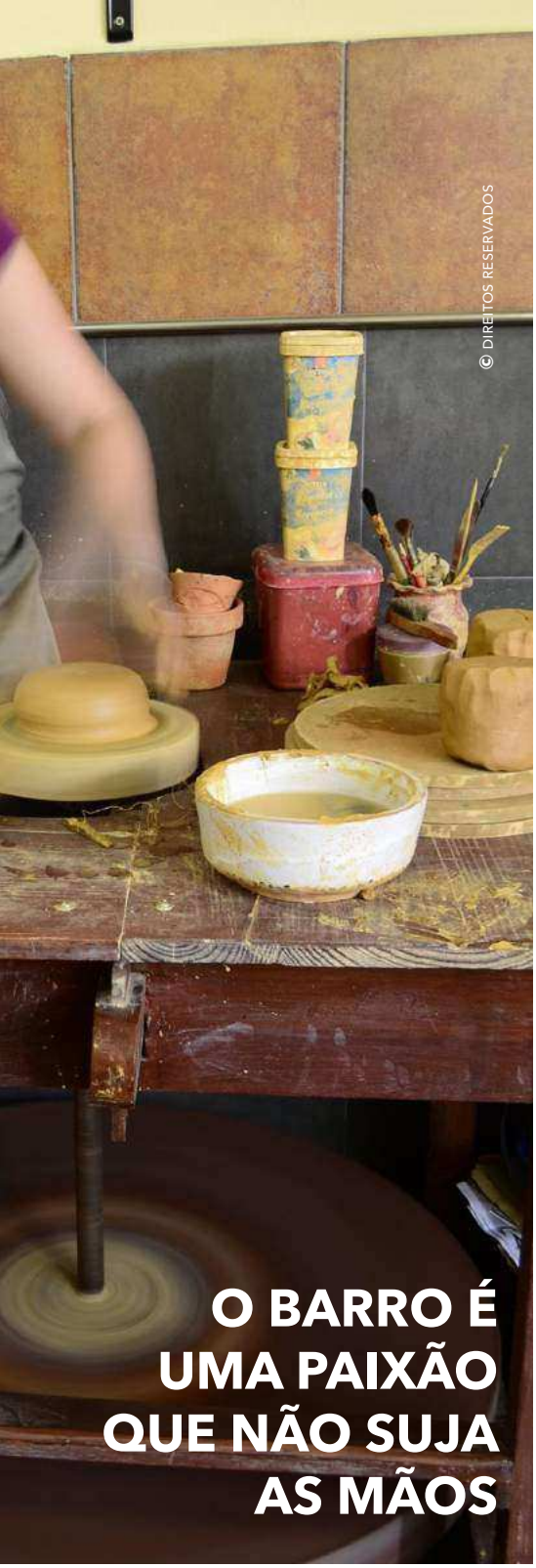
Como é que nasceu o interesse pela Olaria?
Eu sou algarvia e desempenhei esse cargo aqui no Algarve em que conheci o meu marido que é vimaranense. Então, às vezes, há opções de vida importantes e eu resolvi deixar a minha profissão, a minha terra e ir para Guimarães, sem nunca ter lá estado. Mas às vezes, as nossas opções de vida levam-nos a tomar estas decisões. Há 30 anos que eu vivo em Guimarães e depois fui iniciar a minha vida profissional. Não foi fácil. Houve um dia que eu estava a cozinhar na minha cozinha e ouvi na rádio que ia haver um curso de Olaria em 1997. Eu já conhecia a Cantarinha dos namorados e achei muito interessante e estimulante, eu gosto de desafios e inscrevi-me nesse curso. Esse curso estava dentro de um programa chamado CPC, ou seja, Conservação do Património Cultural para preservar a Cantarinha porque havia essa necessidade. Infelizmente, hoje, ainda existe a necessidade de se criar incentivos para dar continuidade às tradições. Eu apaixonei-me. Apaixonei-me pelo barro e aqui estou passado tantos anos.

De onde vem a inspiração para criar novas peças?
Levo um pouco das minhas vivências, das exposições que eu costumo frequentar, mas também a tradição. Gosto de aliar a tradição à modernidade. Assim que frequentei o curso, montei o atelier na Casa do Povo de Fermentões, foi uma pequena cedência de um espaço, um apoio que é muito importante e logo no início, quando comecei a frequentar feiras, houve o desafio de criar presépios, também é uma das minhas peças, não só a Cantarinha mas também os presépios.

ARTESANATO NO FEMININO

É difícil ser artista em Portugal?
É. É muito difícil. É muito bonito olhar de fora, ver o trabalho, mas no concreto no dia-a-dia é muito complicado. Se eu não tivesse esta cedência de espaço, seria completamente impossível. Embora mesmo com este apoio, eu passe momentos muito complicados. Mas pronto, foi uma opção. E eu quis assumir-me como Oleira no século XXI, que como pode imaginar

© DIREITOS RESERVADOS



O BARRO É UMA PAIXÃO QUE NÃO SUJA AS MÃOS

é difícil porque a Olaria já perdeu a função utilitária. Hoje em dia, é só mesmo decorativa e simbólica.

Já sentiu vontade de desistir?
Não, nunca! Eu sou muito perseverante. Acredito muito naquilo que eu faço e algo que é muito importante dizer, quando eu frequentei o curso eu assumi perante mim própria que teria de fazer daquilo a minha vida. Eu lutei e luto, é uma luta contínua, para conseguir realizar esse meu objectivo.

Sendo que este foi um trabalho muito associado aos homens, sentiu algum preconceito no início?
Não. Não senti. Nesse aspecto não.

O que é que a fez apaixonar pela Olaria?
O facto principal é eu segurar, hoje em dia, que já passou mais de 23 desde que sou Oleira, é o facto de eu pegar numa bola de barro e imaginar a potencialidade das formas que posso dar. Isso ainda se mantém em mim, esse fascínio.

Sendo um processo solitário, o que é que o Barro a permite descobrir sobre si, já que passa tanto tempo sozinha?
Gostei desta pergunta. Acho que ninguém me tinha feito esta pergunta e de facto é isso mesmo. É um processo muito íntimo, é ouvir o nosso silêncio, é descobrir. Ao longo dos anos sinto uma maior segurança. Ou seja, por um lado eu tenho contas a pagar, é o lado difícil da vida material, mas o facto de eu poder também ir chegar até aquele patamar em que eu estou a fazer aquilo que eu gosto, estou a dar vida ao Barro, estou a escutar-me a mim própria. Se nós colocarmos essas duas partes numa balança é este que vence. E porque tenho a sorte do meu marido me dar apoio.

Dificuldade acrescida devido à pandemia?
Muita. Muita dificuldade. Eu tenho imensas iniciativas com muitas instituições e de um momento para o outro fiquei mesmo a zero. Eu costumo ir a escolas, costumo ir à Fnac, costumo ir a bibliotecas e, de repente, fiquei fechada, sem nada. Então, resolvi, pela primeira vez, abrir o atelier à comunidade, em pequenos grupos de duas a cinco pessoas com segurança e tem sido muito gratificante. Eu sinto que hoje as pessoas têm a curiosidade de serem elas a fazer, a ter experiências e tenho recebido alguns grupos e estou feliz por isso.

Ainda há futuro nesta profissão?
Eu quero acreditar que sim. E posso dizer que o meu maior sonho seria encontrar alguém que se apaixonasse da mesma forma, especialmente pela Cantarinha que é a peça emblemática de Guimarães, gostava de transmitir o meu testemunho. A Cantarinha vai ser certificada na FIA, na Feira Internacional de Artesanato, em Lisboa, e a instituição que faz a certificação de peças de artesanato tradicionais vai fazer essa certificação e eu vou estar presente, claro.

Consegue nomear artistas que tenha como inspiração?
Não. Eu gosto de muitos artistas, mas um em especial seria muito difícil. Gosto muito do Jorge Vieira, acho-o um artista que me diz muito, mas não sigo nenhuma linha. Tudo para mim é importante.

Foram os workshops que lhe permitiram continuar o trabalho na Olaria?
Sim e também aproveitei para criar novas linhas de peças, novos modelos de presépios. Nunca estive parada.

Passa muito tempo no estúdio?
Ao longo destes anos todos, por exemplo, eu fiz imensas feiras no início. Hoje já tenho mais de 50 anos e a idade já é um factor que pesa, mas no início com as minhas filhas pequenas, tive de me ausentar de casa e sempre contei como o apoio do meu marido que foi fundamental. Isto é uma vitória nossa, não é só minha. Porque todos nos envolvemos de uma forma ou de outra e o meu marido sobretudo. ●

© GA!

PROGRAMAÇÃO CULTURAL TEM DE SUBIR DE NÍVEL

Ricardo Araújo, vereador do PSD na Câmara Municipal, lamenta que a recuperação do Teatro Jordão tenha chegado com 10 anos de atraso, que falhou o rumo depois de 2012 e entende necessário fortalecer a independência cívica do movimento associativo.

"A CULTURA É UM DIREITO INALIENÁVEL DOS CIDADÃOS, COM DIGNIDADE CONSTITUCIONAL E QUE AFIRMA A CIDADANIA AUTÓNOMA"

Como definiria o estado da Cultura em Guimarães?
Espero que em fase de retoma de atividade. A pandemia teve um especial impacto negativo em alguns sectores, um dos principais foi precisamente o da Cultura, onde a redução drástica e até mesmo paragem de atividade, a que assistimos durante um longo período, criou grandes dificuldades aos diferentes operadores, agentes culturais e particularmente aos artistas. O Estado não apoiou como devia este sector durante o período da pandemia, espero que agora sejam criados mecanismos de incentivo e aceleração da retoma progressiva de actividade, incluindo naturalmente apoios ao associativismo cultural.

10 anos depois da CEC 2012 houve progressão ou regressão?
Houve progressão, ainda que não aquela que acho seria possível, desejável e expectável. Aliás, muito mal estaríamos se 100 milhões de euros depois (orçamento CEC 2012), tivéssemos ficado pior. Mas acho que poderíamos estar melhor, com excepção do período e impacto da pandemia, se tivesse existido vontade e determinação politica da Câmara e do Estado central em prosseguir alguns projetos de 2012 e o investimento financeiro necessário. Bem sabíamos que os recursos financeiros em 2012 eram excepcionais, mas o Município devia ter acautelado a necessidade de alocar verbas nos anos subsequentes. A aposta na afirmação cultural de uma cidade necessita de tempo e sustentabilidade. Por outro lado, é inadmissível por exemplo que o Governo central continue sem apoiar financeiramente Guimarães no pós CEC, ao contrário do que faz com Porto e Lisboa que também foram Capitais Europeias da Cultura. Mas não vemos o Município com voz firme nesta reivindicação.

O que nota de especial depois de 2012?
Depois da reabilitação urbana operada e do ano excecional que foi 2012 em termos de programação cultural, Guimarães acrescentou a marca Cultura ao seu posicionamento enquanto Cidade Histórica e Industrial. Permitiu projectar Guimarães como uma cidade de cultura, trouxe centralidade deste sector para a agenda política e qualquer estratégia presente e futura para o desenvolvimento do Concelho tem de considerar a dimensão Cultural como um pilar obrigatório.

Apesar das transformações nas infraestruturas e nos equipamentos, a dinâmica cultural na cidade e no concelho de agentes beliscam o estatuto adquirido com a CEC?
Pelo contrário, Guimarães tem há muitos anos uma dinâmica cultural relevante através essencialmente de A Oficina e de diversos artistas e associações culturais nas áreas da música, do teatro, das artes plásticas, da etnografia e folclore, que são condição fundamental para esta afirmação de cidade de cultura. Ao nível das infraestruturas lamento que a reabilitação do Teatro Jordão tenha chegado com pelo menos 10 anos de atraso. A reabilitação do Teatro Jordão devia ter sido um projeto âncora de 2012, tal como a Escola superior de Teatro e Artes da UM ou o Museu Afonso Henriques, projetando nacional e internacionalmente ainda mais a ligação de Guimarães à Fundação da Nacionalidade.

A programação desceu de nível e de ambição?
Não, considero que Guimarães tem mantido um nível de programação cultural aceitável e consistente ao longo dos anos, destacando-se naturalmente o papel de A Oficina, mas também de operadores privados como o CAA, o S. Mamede CAE e as variadas associações espelhadas pelo território. Temos um conjunto de eventos âncora afirmados no calendário anual e uma oferta regular de iniciativas culturais que considero de boa qualidade. Mas claro, é possível sempre melhorar. Por exemplo, continuo a considerar que nos falta uma Feira do Livro anual, que promova a leitura, a literacia, os escritores e as editoras, um Centro de Estudos Vicentino que promova Guimarães e a ligação a Gil Vicente, uma maior afirmação e cooperação de Guimarães no seio da Lusofonia.

Quais os desafios da Cultura em Guimarães?
Infelizmente aos olhos de muitos a cultura é algo de supérfluo e dispendioso. A esses costumo responder que a falta de cultura custa normalmente muito mais, basta aprender com a História. Considero uma premissa fundamental a circunstância de a cultura ser um direito inalienável dos cidadãos, com dignidade constitucional e que integra a concepção de cidadania autónoma, do individuo emancipado enquanto cidadão. O desenvolvimento da nossa comunidade só pode ser conseguido se forem ponderadas as componentes económicas, sociais e culturais. Dito isto, posso destacar dois ou três desafios que temos pela frente. Primeiro, valorizar verdadeiramente um sistema misto, onde a dinâmica e oferta cultural de Guimarães resulta de um palco onde actuam entidades públicas (Município, Oficina), associativas e privadas, essencialmente em regime de complementaridade, capaz de assegurar uma programação cultural diversificada, acessível e descentralizada no território vimaranense. Isso implica por exemplo, capacitar e promover as nossas associações culturais, fortalecendo as suas competências. Isto faz-se com apoio financeiro público, mas também técnico. Há muito tempo que defendo que o Município devia criar um gabinete especializado de apoio às associações que ajude por exemplo em candidaturas, projectos e procura de novas fontes de financiamento. As associações culturais vimaranense, quando têm recursos financeiros disponíveis já demonstraram a sua capacidade de organizar e produzir eventos com o mesmo nível de profissionalismo que outras entidades públicas e privadas, muitas vezes de uma forma mais eficiente, porque estão habituadas a "fazer muito com pouco". Segundo, o desafio da criação. Além da programação cultural de qualidade, temos de criar condições para que Guimarães se projete como uma cidade criadora de cultura, atrativa para os artistas se instalarem, viverem e produzirem. Temos de começar por valorizar e apoiar mais os artistas locais, promove-los e atrair, captar talento artístico externo. Incentivar verdadeiramente as indústrias criativas, dinamizar bolsas de apoio, residências artísticas, espaços de co-produção são fundamentais para este efeito. Pensar de que forma vamos criar condições para, por exemplo, fixar os alunos de artes visuais e performativas da UM no final da licenciatura, para que aqui possam encontrar condições de se profissionalizarem e desenvolverem a sua atividade. Terceiro, o antigo e permanente desafio de continuar a formar mais e novos públicos. Por último, a gestão eficiente dos equipamentos públicos e assegurar uma programação cultural diversa, multidisciplinar de qualidade, capaz de atrair diferentes públicos e visitantes.

Não sente que se anda em busca de um rumo novo em vez de continuar a herança de 2012?
Acho que nalguns casos faltou rumo, claramente. Considero que infelizmente houve projectos de 2012 que não soubemos dar continuidade e outros onde o rumo foi ziguezagueante, como a Plataforma das Artes, onde em 2019 o presidente de Câmara ainda andava com reflexões estratégicas sobre o futuro deste equipamento e o número de visitantes andava longe do esperado.

Como avalia a cultura no seio de associações e a dinâmica dos agentes culturais?
Diria que já houve ciclos mais pujantes de dinâmica associativa. Vejo com preocupação o abrandamento de actividade de algumas das nossas principais associações e a perda de voz *"escutada"*, crítica e reivindicativa de alguns dirigentes. Recordo Santos Simões que dizia que a "dinâmica associativa livre e plural é a pedra angular da construção e do crescimento do regime democrático". Talvez estejamos a precisar de um sobressalto associativo, comparável à mudança cultural que se verificou em Guimarães no final da década de 50 e na década de 60, depois de Santos Simões se mudar para Guimarães. Guimarães tem no associativismo uma das suas forças mais importantes na afirmação e promoção cultural, que precisa ser alavancada e apoiada. Augusto Santos Silva, numa conferência proferida em Guimarães há uns anos, identificou como pontos

© DIREITOS RESERVADOS

fortes do associativismo o enraizamento comunitário, o enraizamento no tempo, o voluntariado, a multifuncionalidade e a diversidade. Facilmente identificamos estes pontos fortes no movimento associativo vimaranense. No entanto, lamento por exemplo que projectos como o Tempos Cruzados (Programa Associativo da CEC 2012) e o modelo subjacente de financiamento, trabalho em rede, não tenha continuado, ainda que necessariamente de outra forma, com menos recursos. É necessário fortalecer a independência cívica do movimento associativo, dos seus dirigentes e dos agentes culturais. O financiamento regular público que sempre defendi e considero fundamental, complementar às fontes de receita próprias e privadas, não pode ser gerador de dependência do poder politico, antes deve ser capaz de garantir a autonomia estratégica do mesmo. Para isso há muitos anos que defendo que os mecanismos de apoio devem ser públicos, regulares, transparentes, com critérios de atribuição claros, objetivos e com mecanismos de avaliação através de júris independentes.

Acha que o facto de as associações

© DIREITOS RESERVADOS

terem hoje sedes em quintos andares de prédios e caves, de a sede não ser lugar de encontro e troca de ideias prejudica a criação cultural?
A pergunta inclui do meu ponto de vista dois assuntos distintos. Muitas associações que hoje têm sedes, nasceram em espaços informais, em caves, garagens ou até espaços emprestados. Dou-lhe um exemplo concreto que conheço bem: o CAR, hoje uma instituição de referência em Guimarães, nasceu de um grupo musical - Ritmo Louco - formado a partir de um grupo de jovens que frequentava a então denominada "Escola Industrial e Comercial de Guimarães" e que dedicavam à musica os seus tempos de ócio, teve entre as suas primeiras sedes o antigo Café Mourão e mais tarde o Vitória Sport Clube, a troco da animação do espaço. As sedes são espaços importantes também para a criação cultural, são essencialmente espaços de encontro onde se constroem projetos colectivos.
No entanto, o problema a que creio pretende referir-se é diferente e independente do espaço que serve de sede à associação. Tem que ver, julgo, com o surgimento de entidades que utilizam o instrumento jurídico associativo como personalidade jurídica, mas que verdadeiramente não têm o espirito colectivista, e que concorrem a apoios públicos municipais em igualdade de circunstância com associações com universo de associados muito maiores e histórico de intervenção comunitária incomparável. Não têm o tal enraizamento comunitário e temporal a que aludia Santos Silva. São antes projetos mais *"individuais"* ou de pequenos grupos, temporários, que muitas vezes não são voluntários, pelo contrário, visam obter forma de financiar os projetos e a remuneração dos próprios profissionais artísticos. Não vejo mal nisso, as realidades não são todas iguais, temos de criar instrumentos de incentivo que permitam outras formas de organização, temporárias e até mais informais, flexíveis. Considero, na linha do que referi anteriormente, que devemos incentivar as chamadas indústrias criativas. Quero ainda dizer claramente que, sendo eu defensor do incentivo à produção e criação cultural, sou também claramente defensor que os agentes culturais devem ser bem remunerados pelo seu trabalho. O que temos de fazer é tratar diferente o que é diferente e não colocar tudo no mesmo bolo de apoio. Temos de criar programas de apoio público distintos ou diferenciar através da ponderação dos critérios de avaliação.

Acha necessária uma estratégia para se definir a política municipal? Se não houve estratégia para a CEC 2012 e ela aconteceu, tal como para a capital europeia do desporto, não teme que a estratégia para a cultura não seja como a do turismo que se fica por princípios e *slogans* e não tem aplicabilidade alguma?
Definitivamente, sim, considero fundamental a existência de uma estratégia. Uma má estratégia neste ou naquele sector, não justifica que não deva existir estratégia. Neste caso, área cultural, já vem é muito tarde. O problema em Guimarães muitas vezes é precisamente a ausência de estratégia, decide-se em função do momento. Organização de eventos pode fazer parte da estratégia, mas não é em si a estratégia. Talvez por essa ausência não tivéssemos aproveitado tão bem quanto devíamos a oportunidade da CEC 2012. ●

UM FINAL DE ESPLENDOR COM A ORQUESTRA DE MATOSINHOS

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

A edição 31 do Guimarães Jazz foi globalmente aliciante, com actuações individuais competentes e um *"ensemble"* de excelente qualidade.

E deixa na memória uma importante participação do público que lotou o auditório Francisco Abreu no primeiro espectáculo e deixou os restantes com uma média superior a 75% da lotação.

Outro facto, é que havia muita gente desconhecida como residentes na cidade, porventura mais do Norte e até da Galiza para quem o Guimarães Jazz é uma experiência obrigatória todos os anos.

Os três espectáculos marcados para a segunda semana de Quinta e Sexta-feira a Sábado evidenciaram-se pela sua animação em palco e pela qualidade técnica dos seus intérpretes, sobretudo músicos, todos excelentes executantes das partituras escolhidas e dos instrumentos utilizados.

Logo na abertura Dianne Reeves proporcionaria o melhor espectáculo do festival. Foi uma noite mágica e a merecer guardar-se na memória como o melhor momento de Jazz. E com a cantora a contar com Romero Lubambo como o melhor guitarrista desta edição.

OS NOSSOS DESTAQUES

MELHOR ESPECTÁCULO: Dianne Reeves.
MELHORES INTÉRPRETES: Dianne Reeves (voz), Romero Lubambo (guitarra), Hamid Drake e Jeff Ballard (bateria), Jorge Pardo (Flauta), Carlos Benavent (baixo eléctrico), David Murray (saxofone), Ethan Iverson e David Virelles (piano), Brad Jones (contrabaixo), Pedro Guedes (direcção de orquestra).
PÚBLICO: a afluência andou acima dos 70% sendo que o espectáculo de Dianne Reeves esgotou e o de Hamid Brake esteve perto.
APLAUSO: a Orquestra de Matosinhos e o seu director Pedro Guedes conceberam uma performance adequada a um festival de Jazz; também Jorge Pardo e Carles Benavent formaram um duo que deu vida ao espectáculo de Manuel de Oliveira com a Orquestra de Guimarães. Victor Garcia foi estrela nas Jam Sesssions, no espectáculo de David Murray e na direcção da Big Band da Esmae.

© DIREITOS RESERVADOS

CARLOS JORDÃO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CONVÍVIO

CADA VEZ MAIS *"SOMOS UMA REFERÊNCIA DO JAZZ NO SUL DA EUROPA"*

A 31ª edição do Guimarães Jazz terminou a 19 de Novembro e foi *"um sucesso"*. O presidente da Associação Convívio, Carlos Jordão, revela que naquele espaço *"já não cabia mais ninguém"*.

O festival de Jazz de referência regressou ao berço de 10 a 19 de Novembro com grandes artistas como Dianne Reeves, Linda Oh, Manuel d'Oliveira e Victor Garcia.

© DIREITOS RESERVADOS

"A programação foi óptima, teve muita adesão, tantos nos concertos da programação do Ivo Martins, que foi exemplar, como das Jams, foi muito boa. Só temos a dizer bem, foi um sucesso", declara Carlos Jordão.

Sempre no mês de Novembro, por entre frio e chuva, o Convívio foi palco de um dos pontos mais emblemáticos do evento, as Jam Sessions. O presidente da associação destaca a singularidade das apresentações de Victor Garcia nestas sessões, dizendo que tiveram *"sorte"* do trompetista e compositor ser *"um profissional exemplar"*.

"Mesmo nos dias em que teve concertos, que teve dois, não deixou de fazer as Jams como ainda depois ficou com os alunos a tocar até quase às 2h30 da manhã" relata o responsável do Convívio.

Segundo Carlos Jordão, a associação fica sempre *"bem servida"* com as Jam Sessions porque *"toda a gente gosta de tocar no Convívio"*. Ainda que possa parecer bias, enumera as razões: *"primeiro porque é um sítio de excelência, segundo porque é um clube mesmo próprio de jazz, não é um café, não é um sítio arranjado para se tocar jazz, a atmosfera é de um clube de jazz. Sempre tivemos muita gente nas Jams"*.

Neste contexto, conta uma das interações que teve com um dos artistas internacionais: *"Um saxofonista cubano, o David Murray que vive em Madrid, disse-nos que não conhece na Espanha toda, nunca tocou em Espanha num sítio igual ao Convívio"*.

O responsável da associação acredita que esta edição se destacou, em parte, por nos dois anos anteriores terem sido condicionados pela pandemia e, por isso, *"havia um bocadinho a fome de ver os concertos ao vivo"*. *"Todo o feedback que tive das pessoas com quem falava no fim* [dos concertos] *foi ótimo"*, revela.

Caracteriza este 31º ano numa palavra: *"óptimo"*. Complementa dizendo que esta foi uma edição *"a lembrar os primórdios, os grandes anos que tivemos do jazz"*, e que poderá contribuir para colocar Guimarães no mapa mundial deste género musical.

"Cada vez mais somos uma referência na Europa, no sul da Europa especificamente", conclui.

© DIREITOS RESERVADOS

E UMA REFERÊNCIA NA EUROPA

IVO MARTINS, DIRECTOR ARTÍSTICO DO FESTIVAL

"O GUIMARÃES JAZZ TEM UM NÍVEL CONFIRMADO DE IMPLANTAÇÃO NA VIDA CULTURAL DO PAÍS"

© DIREITOS RESERVADOS

GUIMARÃES JAZZ É UM FESTIVAL

A última edição foi positiva, trouxe mais gente de fora, o nível dos espectáculos manteve o prestígio do festival e o Guimarães Jazz volta para o ano com a mesma vitalidade e força simbólica, já com 32 anos de vida.

Depois de visto, que juízo faz da 31ª edição do Guimarães Jazz?
Pensamos que a edição deste ano do Guimarães Jazz foi positiva.

As opções e apostas foram concretizadas?
Nunca se concretiza tudo o que imaginamos. Há sempre coisas que não se alcançam e outras que nos ultrapassam. É da própria natureza do fenómeno ser impossível prever ao pormenor todos os aspectos e consequências desencadeadas por cada concerto. Contudo podemos afirmar que, por uma larga maioria, as opções e apostas funcionaram, tendo algumas delas excedido as nossas expectativas.

Com Archie Shepp esta edição seria memorável?
Com Archie Shepp o Guimarães Jazz não era pior ou melhor, mas apenas diferente. Numa realidade em profunda mudança, conseguir manter vivo um festival de jazz ao fim de 31 anos, estimulando o interesse e a participação do seu público é por si só um acto memorável.

Que importância atribui ao facto de haver muita gente de fora de Guimarães a assistir aos espectáculos?
Julgamos que é um importante sinal que confirma o nível de implantação do festival na vida cultural do país.

As parcerias deram resultados esperados?
As parcerias são elemento fundamental de relacionamento com a realidade envolvente. Cada associação ou instituição (ESMAE, PortaJazz, Sonoscopia, Orquestra de Guimarães, Curso de Jazz da Universidade de Aveiro) congregam à sua volta uma comunidade informal de interessados que pensam e agem de maneira diferente de nós. Ao apresentarmos projetos em regime de parceria estamos a interagir com um espectro alargado de indivíduos que se interessam pelo trabalho dessas comunidades. Com estas colaborações enriquecemos a nossa capacidade crítica e diversificamos as formas de pensar e atuar. Em resumo ficamos mais ligados ao meio e mais abertos em relação ao futuro.

E quanto ao resto - Jam Sessions e oficinas de Jazz - o que fica para a memória?
As Jam Sessions e Oficinas de Jazz são um dos lados mais interessantes do festival. Permitem que muitos jovens músicos e pessoas interessadas troquem experiências de aprendizagem, em regime intensivo, durante duas semanas, com bons instrumentistas, numa relação de proximidade e muito contacto humano. Este tipo de abordagens podem se tornar momentos fundamentais para o futuro destes jovens que estão ainda em formação. São oportunidades únicas que deveriam ser trabalhadas por outros acontecimentos como este. As Jam Sessions e as Oficinas de Jazz são claramente uma forte aposta no futuro desta música.

Sente que Guimarães é uma cidade de Jazz fora dos auditórios do CCVF?
Uma cidade que possui um Festival de Jazz há 31 anos e consegue mantê-lo com a mesma vitalidade e a mesma força simbólica desde os primeiros anos, tem de sentir alguma coisa com este acontecimento. Pensamos que todas as pessoas de Guimarães já terão ouvido falar de jazz e até escutado alguns momentos desta música. A cidade apropriou-se do festival e sente que este acontecimento faz parte do seu dia a dia, principalmente em Novembro de cada ano. Não sentimos por parte das pessoas da cidade desinteresse ou hostilidade. Antes pelo contrário, há curiosidade e atenção e estas formas de agir têm contribuído para a consolidação do acontecimento.

Não evoluiu nada nesse sentido?
Tudo está em evolução e muitas vezes esta evolução faz-se de forma discreta e silenciosa. Quer queiramos ou não, temos de nos saber adaptar ao contexto em que existimos, para não sermos diluídos pelos seus efeitos e consequências. Guimarães evoluiu muito nestes últimos 31 anos e o festival com maior ou menor acerto conseguiu adaptar-se a estas alterações, respondendo às solicitações desencadeadas pelas mudanças. A cidade é uma comunidade viva e está em permanente alteração, o festival tem de conseguir acompanhar este fenómeno que pela sua natureza é complexo.

O impacto deste festival na cidade continua a ser sentido e medido?
O impacto na cidade existirá sempre. Como dissemos anteriormente ele pode ser discreto e silencioso, mas está lá, pois manifesta-se. Nem sempre é fácil senti-lo e medi-lo. Todas as quantificações e medições sociológicas e antropológicas são difíceis e ambíguas, muito mais quando estamos no centro do acontecimento. Talvez nos falte alguma distancia temporal para vermos melhor o alcance do Guimarães Jazz. Contudo, sabemos que o jazz sempre foi uma música marginal orientada que pela sua própria especificidade, é assimilada por um público mais exigente e culturalmente interessado. Isto não quer dizer que o jazz seja feito exclusivamente para uma elite ou gente sofisticada. Será um erro ver esta música, que na sua matriz é popular, como uma manifestação socialmente selectiva e fracturante. O festival ao apresentar todas as formas de improvisação e ao ligá-la com todas os outros géneros musicais, está a estabelecer pontes e a informar que não há barreiras separadoras entre pessoas e as diferentes expressões artísticas e musicais.

Que importância lhe atribui a nível económico, social e cultural?
Como dissemos anteriormente é difícil quantificar e analisar social e estatisticamente a importância e o impacto do festival na vida da cidade de Guimarães. Julgamos que o Guimarães Jazz tem um enorme valor simbólico apreciável e nesse sentido pode ser uma interessante veículo de divulgação da cidade, com a sua forte carga histórica. O festival tem projeção internacional e neste sentido pode funcionar como mecanismo de atração. Se inserido numa estratégia alargada de divulgação, pode ajudar a referenciar internacionalmente Guimarães, atraindo interessados e visitantes. ●

FEST IN FOLK

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

É UM FESTIVAL DO MUNDO

NA CORREDOURA, O FOLCLORE CRUZA-SE COM A DANÇA CONTEMPORÂNEA

O Grupo Folclórico da Corredoura transformou o seu festival: vestiu-o com as cores do mundo, acolhendo outras culturas e grupos, abrangendo vários continentes, encobriu o seu regionalismo e a característica de acontecimento local.

© DIREITOS RESERVADOS

Nasceu por entre campos agrícolas, que ceifados do seu milho, a maior cultura agrícola, ali para as bandas da Quinta de Lumbela, no lugar da Corredoura - se tornou no seu palco principal - na freguesia de São Torcato que se quis afirmar como a planície do folclore vimaranense.

Foi, poucos anos depois da sua fundação em 1956, e por uma rivalidade com o vizinho Grupo Folclórico de São Torcato - que já tinha o seu festival - que o grupo da Corredoura fez perdurar a sua marca enquanto grupo de folclore.

Sem fama nem glória, o festival folclórico mantinha-se mas faltava-lhe projecção por se tratar de um evento muito localizado e ao nível de lugar numa freguesia.

Ano após ano, as dificuldades eram as mesmas, o número de grupos participantes não passava da meia dúzia, o internacionalismo que ao lado se ia afirmando, era também tímido e a presença de grupos espanhóis era a mais fácil e a mais económica. O recurso foi a chamada de grupos portugueses sediados na comunidade emigrante, em França. E a filiação no Inatel (ex-Fnac) de que resultaram algumas trocas com outros grupos.

O festival casou-se com as festas da Corredoura - outro sinal do bairrismo que se exaltava em São Torcato - hoje já ultrapassado e menos alimentado pela gente jovem. Realizando-se em Agosto, era uma forma de dar vida ao orgulho de alguns emigrantes que vindos de terras de França, suportavam a tradição daquele lugar.

Esta rotina cansou os dirigentes do grupo que tinham, entretanto, no Linhal o estímulo necessário para aguentar não apenas as tradições agrícolas como a existência do grupo.

Até que por ocasião da Capital Europeia da Cultura, em 2012, o Grupo Folclórico da Corredoura actua no largo defronte do Palácio da Justiça, realizando ali o seu festival. Abriu as portas a um novo conceito e a uma mistura de dança tradicional folclórica com a dança contemporânea, não desfigurando nem o regionalismo nem a essência etnográfica das danças e cantares do seu repertório.

A oportunidade para sulcar novos caminhos não foi perdida. E muito menos desperdiçada, pois, foi a janela (de oportunidade) que Henrique Macedo, entretanto, chegado à presidência da direcção do Grupo - onde também dança - escancarou, agregando o folclore corredourense ao parceiro oficial da Unesco - CIOFF - uma organização internacional com o estatuto de Conselho Internacional das Organizações de Folclore e de Artes.

Esta aposta e ligação a uma prestigiada organização de festivais do mundo e parceira da Unesco para o Folclore e do *Folk Art* acabou por projectar o grupo no contexto internacional, fazendo-o viajar pelo mundo marcando presença em eventos que

o CIOFF ia promovendo em diversos países e continentes.

O festival folclórico da Corredoura não morreu mas transformou-se e ganhou uma roupagem mais internacional associada ao *Folk Art* que lhe dá outra maturidade no contexto da cultura folclórica mundial. O folclore e as danças e cantares associadas à tradição minhota e portuguesa não foram postas de parte mas serviram de cruzamento para eventos mais atractivos do ponto de vista da imagem e coreografia do espectáculo.

O grupo da Corredoura passou a adoptar o conceito do *Fest in Folk* - a que outros grupos portugueses já se tinham associado, pela influência provocada pela adesão ao CIOFF - com delegação em Portugal - e que deu nova vida ao festival da Corredoura.

Henrique Macedo não se mostra arrependido desta decisão porque *"o conceito do Fest in Folk é a partilha da cultura e das tradições entre os povos e países, de vários continentes, que estão juntos da Unesco a defender as suas raízes"*. E justifica que *"as danças e cantares do folclore não se desvirtuam, apenas ganharam nova dimensão, num contexto mundial"*.

O festival da Corredoura, mantém a sua perenidade: é tradicional, é vivo e entrelaça-se com outras culturas, de outros povos.

O conceito é agora, mais abrangente e mais inclusivo dos grupos que, ano após ano, participam no certame, com mais dias de duração, diversificado e partilhado. Europa, Ásia, África são três dos continentes que já trouxeram a Guimarães as suas danças e cantares.

Para além do espectáculo propriamente dito que evidencia as danças de cada grupo participante no festival, acrescem exibições que o ambiente urbano de uma cidade polariza e potencia, deixando espaços a momentos diferentes.

É este caminho que o festival da Corredoura trilha, há nove anos, desde 2013, lutando para ser reconhecido como um evento certificado pelo CIOFF.

A opção pela cidade, pelas suas praças e largos, pelo campo de São Mamede com o Castelo como pano de fundo, teve o efeito de um postal que se envia pelos correios para todo o mundo.

O evento ganhou maior dimensão cultural, tem agora mais público - incluindo turistas - a assistir aos seus espectáculos, e uma vertente internacional acentuada porque se abriu a outras culturas, de vários continentes.

"Faz todo o sentido que o Fest in Folk se realize na cidade" - defende Henrique Macedo, mostrando satisfação pelos resultados obtidos com esta opção.

O festival alargou a sua base de apoio, com parcerias mais robustas e financeiramente maiores, com a Câmara Municipal a reconhecer este evento como um cartaz de qualidade. A cidade também proporcionou alojamento para os grupos vindos do estrangeiro, que se radicaram por aqui durante mais de uma semana.

Por outro lado, o Grupo Folclórico da Corredoura ajudou a enriquecer o programa de festas dos concelhos da CIM do Ave, como Fafe e Cabeceiras de Basto, por exemplo, onde os grupos estrangeiros participam.

O orçamento do *Fest in Folk* passa a contar com esta ajuda, uma vez que só assim seria possível suportar os 25 mil euros do seu orçamento, dos quais seis mil são subsídio do Município de Guimarães.

Porém, o *Fest in Folk* é, no entender do presidente do grupo da Corredoura, *"o festival que a cidade e Guimarães precisava, pela sua dimensão e qualidade"*, acentuando o cosmopolitismo da urbe histórica, visitada por inúmeros cidadãos do mundo.

Acredita que, em breve, o festival será certificado pelo CIOFF e pela Unesco, depois da avaliação feita, durante cerca de três anos, à sua organização segundo parâmetros bem definidos. *"Penso que vamos no bom caminho"* - salienta.

Quando isso acontecer, o Fest

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

in Folk passará a fazer parte de uma agenda de 60 festivais internacionais que são promovidos no mundo, com a chancela do CIOFF.

"É essa mais valia que vamos trazer para o folclore vimaranense e dar a Guimarães um festival de dimensão internacional, mais um cartaz para o turismo concelhio" - acredita Henrique Macedo.

O Grupo Folclórico da Corredoura, alardeia já o estatuto de ser o único grupo vimaranense a ser membro do Conselho Internacional das Organizações de Folclore e de Artes (CIOFF), o parceiro oficial da Unesco para o Folclore e o *Folk Art*.

Entretanto, o grupo da Corredoura pretende repôr a importância do Linhal - a festa que exalta o ciclo do linho. E ter um espaço próprio e definitivo para esta actividade é condição para repor também a qualidade cultural deste evento.

"Tentaremos nesse espaço, mostrar como a festa do ciclo do linho tem ainda mais virtualidades" - ambiciona o presidente do Grupo Folclórico da Corredoura.

Por certo, a ideia é evitar alguns actos que cansam por o evento se realizar em locais menos apropriados à sua dimensão. Com a nova vida que se pretende dar ao Linhal é a iniciativa que se revitaliza.

As alterações passam pela mudança, a título definitivo, para o parque de lazer da Corredoura, onde se instalará o moinho de linho, uma atração desta festa. Poderá acontecer que neste local, o ciclo do linho se exponha durante mais tempo, à tarde e à noite, associando outro evento como o A'Linho - iniciativa a que se alia a Tempo Livre e a ADCL e o pessoal sénior de quem trata, para além das escolas, num esforço de ilustrar algumas tarefas do linho como exercícios físicos.

Henrique Macedo confia que a Junta de Freguesia e a Câmara estarão de acordo com a utilização do parque de lazer para o ciclo do linho, aumentando o seu potencial uso e dinamização com esta ajuda.

© DIREITOS RESERVADOS

"Podemos inovar na forma como festejamos o ciclo do Linho, tentando incutir-lhe alguma contemporaneidade. O Folclore tem ficado muito parado no que era lá trás e há sempre formas de fazê-lo reviver sem alterar a sua essência" - acredita o presidente corredourense.

Com estes dois cartazes, *Fest in Folk* e Linhal, o Grupo Folclórico da Corredoura concentra toda a sua actividade, fazendo também do aniversário do grupo, uma terceira actividade com impacto no meio, a que se junta ainda ao encontro de Reis, na quadra natalícia.

Porém, enquanto associação cultural, o Grupo da Corredoura aprofunda novas experiências na dança. E novas incursões capaz de cruzar o folclore e as suas danças e cantares com novas expressões de dança contemporânea, *"uma forma de não ficar preso no tempo"* - realça o presidente.

Para acentuar esta forma de abordagem, tendo em vista conquistar novos públicos, o Grupo da Corredoura tem sabido dar as mãos e abrir-se com novas parcerias ao fascinante mundo da música e da dança.

Com a Sociedade Musical e com a Academia de Bailado de Guimarães, *"O Velho diz que morre"* deu lugar a um espectáculo, apresentado no Teatro Jordão, em que o cruzamento do folclore e da dança contemporânea, justifica o projecto e as parcerias.

"Chamámos até nós, pessoas com melhores conhecimentos na música clássica e na dança, para reviver uma das danças "O Velho", envolvendo neste projecto outras instituições e associações com resultados positivos na criação de novas propostas culturais" - reitera.

Era um projecto de 2020 que a pandemia adiou e que pode, depois da experiência feita, replicar-se noutra dimensão mas com o mesmo propósito de fazer diferente na cultura.

O resultado de criar um espectáculo com uma dança do grupo e com uma orquestração de músicos da Sociedade Musical, dirigidos por Pedro Lima, coreografados por Maria R. Soares da Academia de Música e Bailado de Guimarães e com os componentes do folclore da Corredoura, pôs toda a gente a dançar e a cantar.

A experiência acumulada de juntar pessoas qualificadas na música, já começou em 2012 e vem-se repetindo como aconteceu, há pouco, com a comemorações dos 10 anos da CEC num espectáculo com a Orquestra de Guimarães.

"Temos de fazer coisas diferentes para não deixar esquecer o passado da nossa cultura folclórica, com abordagens mais modernas e que sejam do agrado do público" - defende Henrique Ribeiro, apostado em manter o GF da Corredoura neste registo com as quais tem afirmado a sua vitalidade nos últimos 10 anos.

A mesma experiência tem-se vindo a repetir no *Fest in Folk*, anualmente, em que músicos de todos os grupos e dos vários países se juntam e formam uma orquestra que se exibe durante o festival de folclore. *"É um espectáculo inédito que junta 120 pessoas em palco, com músicas compostas e arranjos feitos em escassos dias"* - salienta Henrique Macedo. ●

O médico escreveu um novo livro, *"um manual de utilidade para dias inúteis"*…durante uma *"pequena viagem na estrada das palavras"*. E diz que o escreveu como se fosse *"um passeio pelos dias irrequietos da caneta teimosa que se recusou a ficar prostrada na secretária"*.

HÁ *"IRAS E AMORES EM TEMPOS DE DESASSOSSEGO"* E, AINDA, SAUDADES E TEMORES

No fundo, o livro contém *"reflexões, memórias, sentimentos, pensamentos, revolta"*. Mas há ali, também, a homenagem a alguém e alguma poesia.

Escrito em *"tempos de desassossego"*, tem o propósito de *"não ser mais do mesmo"*. Ou sequer que se pareça com os outros - sete - que escreveu, entre 2015 e 2020.

Contudo, é mais um, ao ritmo de quase um livro por ano, onde confessa evidenciar *"saudades, temores e amores"*. E onde se leem…*"palavras descomplicadas e sentidas"*. São essas palavras que dão força e consistência ao *"Iras e amores em tempos de desassossego"*, gerado num misto de euforia e nostalgia.

O que explica que, olhando para trás, o médico e especialista em Urologia, tem escondida a sua irreverência quase sempre vertida em todos os êxitos que escreve.

Apesar de tudo, regista-se, o investimento feito na escrita, mais uma vez, para corresponder aos anseios dos seus fiéis leitores que não se esqueceram de aparecer no dia em que o livro foi apresentado.

Carlos Guimarães não assobia para o lado, nem deixa as mãos nos bolsos, perante alguns factos e sem os citar, lembra que *"os acontecimentos que fizeram milhares de cidadãos trocar de terra, deixar as casas das suas vidas pela guerra estúpida que entretém homens e exércitos"*, mostra a dor que se sente ao ver *"gente a fugir para lado nenhum"*.

Dedicado *"a todos os lúcidos e corajosos"*, Carlos Guimarães não conta uma história mas várias estórias, relatos de tempos complicados que agitou o nosso quotidiano e quase nos retira a condição de humanos, a merecer uma vida saudável, num ambiente são e numa concha de felicidade.

Nas suas subjectividades, o médico escreve verdades sobre algumas realidades que outros procuram esquecer. Como o *"pesadelo nacional"* que nos golpeia mas ainda nos permite sobreviver.

"Ora foda-se", é bem a expressão que usamos como forma de reacção mansa ao que vemos com os nossos próprios olhos. Tal como

© DIREITOS RESERVADOS

fazíamos há anos sobre um automóvel da Ford que ficou conhecido com este cognome.

Neste olhar sobre o *"morro dos denegados"*, Carlos Guimarães socorre-se da *"Maria"* que já se sentia *"incapaz de sacudir moscas que zuniam à sua volta"* para quiçá olhar para o país de velhos em que nos estamos a tornar, onde, tal como ela, *"apesar de cá estar, sentia-se expulsa, rejeitada, um fardo inútil e pesado"*;

São estas Maria's, já *"sem lágrimas para derramar"* que *"secaram tudo dentro de si"* que Carlos Guimarães escreve e vê diariamente partir ao *"morrer de vergonha e esquecidas por um Deus adormecido e de filhos que a desamaram"*. E que partem, não se sabe *"se para um mundo melhor mas certamente para um mundo sem hipócratas, mentiras e injustiça"*.

Também, *"há um em nome de Deus"* que justifica que *"uma catedral fosse invadida para semear a morte violenta"*. Uma ira em contraposição ao amor que lhe suscitam *"os assistentes operacionais que passam os seus dias no antro do bicho em troca do salário mínimo"*.

Outra realidade vem da solidão…*"desequilibra, é desconfortável e fria, paralisa"*. E, de facto, *"precisamos de pessoas que leem as nossas palavras, que escutam os nossos lamentos"*. *"A solidão não tem lutas, não tem nada"* - escreve o autor.

Dos *"mantos emprestados que nos ocultam, que nos prendem os movimentos, que nos aprisionam as lágrimas que se querem libertar, que nos encerram os lábios para não sorrir, que nos anestesiam para não sentir a dor"*, mostram que vivemos na *"agitação das ondas da vida"* longe de Hollywood mas como *"figurantes e actores de meia tigela"* e raramente assumimos o papel de realizadores.

Nesta introspecção sobre o humano do nosso tempo, Carlos Guimarães lembra a reciprocidade perdida das relações sociais. *"Acabou a relação de troca"* - escreve. E relata o desgaste do romance que já não existe, no encolhimento de desejos e objectivos *"para caber no espaço exíguo que o outro tem para nós"*.

No olhar sobre um mundo de *"quase tudo e quase nada"*, há um olhar sobre o individualismo que é marca dos nossos tempos. *"E os outros, quero lá saber dos outros, os que sonham o que vivem e os que vivem o que sonham"*, espelha a realidade de um ser humano que acha que *"é uma sorte"*… sê-lo!

Sobre a vacina que *"chegou e tudo mudou"*, o autor reage sobre os tempos de desassossego provocados pela pandemia. Um recordar do que era usado para tratar algumas doenças, desde o pano vermelho para filtrar a luz com que se tratava o sarampo, ao supositório para a febre, remédios de outros tempos.

Claro que o seu olhar sobre as redes sociais não podia falhar… neste livro. Fala do *"Insta"* apenas e de como, por vezes, não vemos que *"a realidade é falsidade"*. E alinha nesse coro, do *"instragramizem-se"*, uma receita de rejuvenescimento melhor do que esticar as peles ou espetar cabelos na careca. Uma receita para combater a intolerância e os desequilíbrios da mente, porque *"está cada vez mais difícil lidar com as pessoas e as pessoas connosco"*.

É até uma forma de combate às inflação porque *"instagramando-se"* o dia todo, não se lembram que a inflação existe ou os combustíveis aumentam…

O *"Iras e Amores em Tempos de desassossego"*, pode ser o resultado de *"reflexões em dia de chuva"* e se lido, por si, caro leitor, pode ajudá-lo a fazer *"leituras que não fazemos de nós próprios e passamos a vida a ler os outros, um tempo perdido"*.

Acredita porque *"não temos de escrever todo o guião das nossas vidas, muitos parágrafos já estão escritos, só precisamos de os voltar a ler"*.

© DIREITOS RESERVADOS

CARLOS GUIMARÃES LANÇA NOVO LIVRO

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

GUIMARÃES LEVA ESTÁTUA DO REI PARA ZAMORA...

D. Afonso Henriques pode aproximar ainda mais Guimarães de Zamora quando no próximo ano for inaugurada uma estátua do Rei, concebida por Dinis Ribeiro.

COOPERAÇÃO CULTURAL TRANS-FRONTEIRIÇA GANHA FORMA

Três empresas - CJR group, Artecanter e o grupo JAF - são os patrocinadores da estátua que Dinis Ribeiro vai esculpir para ser colada e inaugurada em Zamora, a 28 de Maio de 2023.

A Associação Cultural Grã-Ordem Afonsina (GOA) foi quem tomou a iniciativa de convidar o conhecido artista vimaranense - que tem vindo a realizar trabalhos em pedra com motivos diversos - e escolher os parceiros desta ideia.

Aliás, *"Caminhos Imaginários de Dom Afonso Henriques: Fragmentos de um Rei"*, é apenas um *slogan* que identifica a preocupação da associação cultural vimaranense de manter vivas facetas que ligam o Rei Dom Afonso à nossa história colectiva.

E por isso, considera a GOA que, numa *"dinâmica transfronteiriça, de parceria cultural, é possível a criação de pontes entre as cidades de Guimarães e Zamora, cujas histórias se fundem"*.

Porém, a inauguração da estátua não se fecha em si e pretende ser o mote para a realização de várias actividades culturais e artísticas também em volta da obra artística do escultor Dinis Ribeiro.

E uma alavanca para através do *"gosto e a defesa do património material e imaterial desta cidade e deste concelho"* - de que o apoio dos mecenas é um bom exemplo - ir reafirmando o primeiro rei português como *"pedra angular na formação de uma nação e de uma cultura, reiterando o nome de Guimarães como primeira capital deste território"*.

Ao mesmo tempo, a GOA, criada em 2019, mantém vivo o propósito de *"continuar o estudo e a divulgação do legado patrimonial deixado por Afonso Henriques"*.

A associação cultural aproveitou a apresentação desta iniciativa de conceber nova estátua do Rei Dom Afonso Henriques para falar de outras já existentes no território vimaranense.

António Magalhães, ex-presidente da Câmara, evocou a estátua da autoria de João Cutileiro (24 de Junho de 2001), mais recente, e que no início causou confusão ao cidadão comum.

Na comparação que era feita com a estátua da autoria do escultor Soares do Reis (20 de Outubro de 1887), implantada junto ao Castelo, evidenciava, na opinião pública, duas visões diferentes e distintas.

Só o tempo, permitiu que o cidadão passasse a conviver com uma estátua de granito e outra em mármore, concebidas com visões diferentes, dos dois artistas, sobre o Rei. *"Depois o cidadão comum acaba por aceitar, estas diferenças naturais, entre artistas reconhecidos e que apenas divergiram no seu elemento escultórico"* - revelou o ex-autarca.

Dinis Ribeiro, prometeu suscitar emoções, sentimentos e reacções com a sua *"visão escultórica"* de Dom Afonso Henriques, atribuindo significado especial à presença da estátua na cidade espanhola.

Recordando o significado histórico da relação de Guimarães e Zamora com D. Afonso Henriques, José Ribeiro e Castro, da Sociedade Histórica Independente de Portugal, acentuou a importância de ter uma estátua de Dom Afonso Henriques numa cidade que *"o país deve conhecer melhor e valorizar a sua importância porque foi aí que Afonso Henriques se armou cavaleiro"*. ●

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

UMA ESTÁTUA DO REI PODE APROXIMAR AINDA MAIS GUIMARÃES E ZAMORA

Florentino Cardoso, presidente da Grã Ordem Afonsina acredita que as duas cidades podem irmanar-se muito mais pelos laços Afonsina existentes entre ambas.

Como surgiu a ideia de fazer e colocar uma estátua de D. Afonso Henriques em Zamora?
A Grã Ordem Afonsina tem por objetivo principal *"o estudo, investigação e divulgação dos mais variados aspectos da vida e obra de D. Afonso Henriques"* e a cidade de Zamora constitui o Alfa da sua vida política, porque foi lá que se armou cavaleiro pelas suas próprias mãos e com tenra idade, para depois cumprir a missão de fundar Portugal, que lhe estava no sangue. Lançando os olhos para esta cidade espanhola, verificámos que existe uma Fundação com sede partilhada entre Zamora e Bragança que adotou a designação social de Fundação Rei Afonso Henriques e que centrava a sua missão na cooperação trans-fronteiriça, tendo como pano de fundo a promoção e desenvolvimento do Vale do Douro como região europeia bi-nacional. Estes sinais foram bastantes para que a Grã Ordem Afonsina dirigisse um convite ao Secretário-Geral daquela Fundação para participar nas II Jornadas de Património Cultural Intangível de Guimarães, realizadas no passado dia 5 de Outubro, em comemoração de mais um aniversário do acordo de paz e amizade que D. Afonso Henriques celebrou com seu primo Afonso VII, naquela cidade espanhola. E como já havia a ideia, constante do regulamento interno da Grã Ordem Afonsina, de *"criar relações de amizade e cooperação com entidades nacionais e estrangeiras interessadas em aprofundar o conhecimento histórico sobre o primeiro Rei de Portugal"*, por proposta do Arquitecto Abel Cardoso, vice-presidente da Grã Ordem Afonsina, ambas as instituições entenderam que a primeira iniciativa conjunta seria a implantação de uma estátua de D. Afonso Henriques em terrenos adjacentes da Fundação e no dia 28 de maio de 2023, para desta forma assinalar o primeiro acto da vida pública de D. Afonso Henriques ali praticado em dia de Pentecostes do ano de 1125.

E a escolha de Dinis Ribeiro para a esculpir?
A escolha de Dinis Ribeiro resultou das relações pessoais entre ele e o Arq° Abel Cardoso, não sendo indiferente o facto de estas peças de arte exigirem, por regra, uma simbiose entre escultores e arquitectos, o que muito beneficiará este projecto. Por outro lado, ambos são cidadãos vimaranenses empenhados na promoção da Cidade e dos seus valores, entre os quais se incluem Afonso Henriques e a Fundação de Portugal, o que também acrescenta valor ao projeto.

Acredita numa parceria cultural ou acções entre Guimarães e Zamora?
O acordo com vista à implantação

da estátua de Afonso Henriques em Zamora foi firmado entre duas instituições privadas, a Grã Ordem Afonsina e a Fundação Rei Afonso Henriques, sem a participação ou patrocínio das autoridades administrativas de ambas as cidades. Porém, espera-se que esta iniciativa seja o primeiro passo para que Guimarães e Zamora estabeleçam relações de amizade e cooperação sobre o denominador comum, Afonso Henriques, ou sobre o idêntico papel que ambas protagonizaram na época medieval peninsular.

Com que bases e fundamentos? E com que protagonistas e mesmo quando?
A Grã Ordem Afonsina apresentou em Coimbra, na Sala do Capítulo do Mosteiro de Santa Cruz, no dia 4 de Dezembro, as linhas básicas da Via Regis Alphonsi, o Caminho do Rei Afonso, ou como disse o Arqº Abel Cardoso que o explanou, *"...um contacto directo com aquele primeiro território que alavancou a construção deste nosso país"*. Mesmo não fazendo parte do território nacional, Zamora tem de ser incluída neste caminho pelas profundas razões históricas que a ligam a Afonso Henriques. E assim, se houver vontade política, temos aqui uma base para sustentar eventuais parcerias com Zamora nas mais variadas vertentes, designadamente, culturais, turísticas e comerciais.

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

Também a gastronomia pode ajudar a um maior relacionamento cultural entre as duas cidades?
É claro que a gastronomia poderá ser uma área de eleição, sobretudo no que toca aos vinhos. A região de Zamora, situada nas margens do Rio Douro, é um local onde se produz um vinho de alta qualidade, com a predominância de certas variedades de uvas que caracterizam a denominação de origem "A Terra do Vinho de Zamora". Por outro lado, Zamora é considerada a "Jóia do Românico", o que também poderá constituir um argumento a favor de uma futura aproximação, agora que Guimarães passou a fazer parte da Rota do Românico dos vales do Sousa, Tâmega e Ave.

Guimarães e Zamora ainda não são geminadas. Porquê?
Esta é uma questão a que só os responsáveis autárquicos de Guimarães podem responder.

Há mais entidades, associações que se podiam associar na dinamização de uma relação com base em D. Afonso Henriques?
Embora sejam os vimaranenses quem alimenta a paixão mais acentuada por Afonso Henriques, desde logo porque o ostentam no emblema do seu clube de futebol, a verdade, porém, é que o Rei Fundador tem admiradores e apaixonados em todo o país e até nos países de língua oficial portuguesa. A Grã Ordem Afonsina está atenta a este fenómeno e sempre à procura de estabelecer relações de amizade e cooperação com associações que mantenham o mesmo interesse pelo estudo, investigação e divulgação da sua vida e obra. A criação da *"Via Regis Alphonsi"* pode ser um sinal eventualmente encorajador de uma futura federação cultural de raíz afonsina. ●

Uma (última) obra de Luigi Pirandello, encenada por Moncho Rodriguez e produzida por Francisco Teixeira, esteve em cena na Associação Artística Vimaranense, durante quatro dias.

© DIREITOS RESERVADOS

© DIREITOS RESERVADOS

"OS GIGANTES (NÃO) *PAGARAM O ESPECTÁCULO, NEM O QUISERAM VER"*

Quando Luigi Pirandello escreveu *"Os Gigantes da Montanha"*, a obra ficou sempre como um trabalho inacabado. A sua representação foi feita por uma companhia delapidada de actores famintos, cuja profissão não era reconhecida. Nem estimada.

Agora, ao invés, quando Moncho Rodriguez fez a adaptação do texto original daquela peça, a ASMAV, porventura, dava sinais de poder abalançar-se na criação de uma nova companhia de teatro em Guimarães. Mais uma.

Entretanto, há quem veja, nas recentes produções da Associação Artística Vimaranense o crespúculo de uma tentativa nesse sentido, diversificando a produção teatral.

Francisco Teixeira, produtor executivo de *"Os Gigantes da Montanha"* admite que a associação *"já tem condições logísticas, técnicas e um grupo de actores* - que sendo voluntários - *podem permitir a produção regular de conteúdos teatrais, de uma forma mais estruturada"*.

Para já, a ASMAV vai fazendo projecto a projecto, estudando a hipótese de os incluir na sua programação anual. Mas destaca que *"estas duas peças foram produzidas sem um tostão de apoio da Câmara"*.

E reclama, por isso, que não promovendo *"o entretenimento pelo entretenimento"* que entedia e cansa, a ASMAV *"produz teatro a sério e não de sociabilização"* como o fazem - e bem - outras associações.

Escrevendo no opúsculo que serviu de apresentação de *"Os Gigantes da Montanha"* que contém a versão integral do texto declamado, Francisco Teixeira lembra que *"a arte serve para entreter. Mas se entreter de demais, ou só entreter mata"*.

Neste contexto, prevê mais dois espectáculos para 2023. Os custos já estão previstos e estimados e rondam os oito mil euros. *"Os actores não são pagos"* - lembra.

Sobre a versão adaptada, do

texto original, feita por Moncho Rodriguez, *"Os Gigantes na Montanha"*, seguem na linha de *"A Serpente"* recentemente produzida.

O grotesco da peça que mistura beleza com crueldade, estão bem estampidos na encenação encontrada por Moncho.

Também aqui, nesta versão vimaranense, da criação de Pirandello, o poder de inventar a verdade e invocar forças ocultas foi bem representado pelos *"artistas"* escolhidos. Um elenco que junta portugueses e brasileiros, amantes da representação teatral e da declamação.

E que todos juntos souberam representar uma fábula sobre o imenso valor da arte num mundo de gigantes que *"só se preocupam por eventos lucrativos"*. Em Guimarães, os gigantes não querem extrair da montanha as suas riquezas naturais, apostam apenas na propaganda que a arte também serve.

E nalguns casos, Moncho Rodriguez lembra que, por vezes, *"os*

gigantes pagaram o espectáculo, mas, não o quiseram ver".

Na sua adaptação da criação de Pirandello, o encenador e dramaturgo, sabe que *"o povo queria ver a morte do touro"*, neste e noutro caso, *"o touro, era actor, a. actriz, o poeta, a sensibilidade..."*

No último espectáculo, na sede da ASMAV, *"Os Gigantes da Montanha"*, tiveram uma audiência razoável, com casa cheia, onde todos, tal como Ilse (uma das personagens), acredita, no *"poder mágico da arte, do teatro..."*

Dada a sua inexperiência na arte e na representação dramática, porventura, também o coração dos actores *"ardia, seus olhos queimavam, a sua boca seca, suas mãos tremeram"*…

Para alguns desse actores voluntários, era a sua primeira experiência de actor em cena, para os quais não foram atirados nem risos, nem gargalhadas de desdenho. E muito menos os espectadores chutaram as cadeiras. Receberam, antes, os aplausos merecidos de um público amigo.

Nesta versão de *"Os Gigantes da Montanha"*, Moncho Rodriguez

© DIREITOS RESERVADOS

voltou a distinguir-se pela plástica das suas encenações, pelo ambiente de proximidade com o público que os espectáculos que escolhe permitem, em espaços aconchegados.

Socorre-se de um guarda-roupa que privilegia o branco na vestimenta de espalhafato, e nas caras dos actores.

Os fantasmas da peça encarnaram mesmo as personagens que os actores vestiram. Tal todos os gestos e palavras dos actores, numa espécie de grito do Ipiranga, sobre a independência da política de cultura que em Guimarães ainda não existe. Apesar de haver gigantes que paguem o espectáculo sem o verem...

Há um paralelo na criação original de Pirandello a que Moncho se manteve fiel. A da luta por manter a cultura e os grupos culturais que não só procuram reconhecimento e aceitação como reclama apoios justos e não discriminatórios.

Sob o manto da ASMAV, Moncho Rodriguez e Francisco Teixeira podem estar a ir, de passo em passo, na reconstrução e revitalização da arte e do movimento associativo. E ambos parecem acreditar *"no poder mágico*

© DIREITOS RESERVADOS

da arte, do teatro", para atingir os seus fins, revivendo para já um passado, em forma de saudade e procurando acrescentar presente e futuro às suas propostas.

Voltando ao princípio, é uma tentação (deles) para fazer com que *"o povo"* - cidadãos que pagam todas as facturas - não queiram ver apenas a morte do *"touro"* mas respeitem o touro, esse e esses... artistas, autores verdadeiros das peças de teatro.

E vão insistir para que através da ASMAV se *"ultrapasse o fosso de lama que separa a arte da criatividade na política cultural vimaranense"*.

Em *"Os Gigantes da Montanha"*, há muitas alusões e ilusões, ideias nem todas absorvidas pelo público, de uma história difícil de contar, de fantoches e fantasmas e gigantes.

Também há notas positivas - como seguir em frente com projectos alternativos e negativas, pois, o local da cena é, neste tempo, demasiado frio e pequeno. ●

RAFAEL OLIVEIRA: *"VEJO A ARTE COMO O REFLEXO DA ALMA DO ARTISTA"*

© GA!

A arte sempre fez parte da tua vida? O que é que te levou a te interessares pela pintura?
De certa forma fez parte da minha vida, sim, desde que me lembro e serviu como uma forma de escape, de algum apaziguamento em momentos de crise na minha vida. Eu acho que foi o desenho principalmente, a pintura acho que foi numa fase posterior da minha vida, mas o desenho serviu de apaziguamento desses momentos mais frágeis. Claro que depois isso tomou outras proporções a partir do momento que fui estudando mais arte e realmente ingressei no curso de artes visuais no secundário e a partir daí fui fermentando esse gosto pelas artes plásticas até chegar à vertente mais profissional.

De que é que falam as tuas obras? O que é que pretendes transmitir através delas?
Acima de tudo, e já o disse muitas vezes e continuarei a dizer, eu vejo a arte como o reflexo da alma do artista, eu acho que, acima de tudo, a arte deve mostrar honestidade, mostrar alguma genuinidade do próprio artista, eu acho que é isso que vai realmente ter impacto na vida das pessoas. Posso falar abertamente da base conceptual do meu trabalho, neste momento, a nova colecção aborda questões relacionadas com aquilo que me envolve, não só como artista, mas enquanto ser humano. Questões da sociedade, desavenças políticas, sociais e económicas que existem actualmente e daí esta colecção mostrar cenas de destruição, incêndios juntamente com figuras a aparecer em poses quase de submissão. E isto acaba por ser uma ponte, também, para aquilo que foram algumas das minhas vivências, nomeadamente na infância e na adolescência e daí ser mesmo o espelho daquilo que eu sou.

Achas que isso que procuras passar é o que o público interpreta?
Eu tento sempre que haja uma interpretação própria, eu enquanto artista estou a ser honesto comigo próprio e o espectador, usando os mecanismos de observação que tenha disponíveis, seja honesto nessa observação. Acho que aí é curioso que realmente haja várias narrativas criadas de pessoa para pessoa, ou seja, nenhuma delas consegue, ou deve, criar uma ideia fechada do que é uma das minhas obras. Eu quero mesmo que haja esse leque de possibilidades que podem ainda acrescentar mais à obra e que pode não ter nada que ver com a ideia inicial que eu criei para a obra, mas é mesmo isso que eu quero. Porque a obra acaba sempre por ter ligações muito próprias com as nossas vivências passadas, claro que tem com as minhas, mas outra pessoa que vê a cena que eu tinha idealizado para um x tema, ainda que tenha uma vivência totalmente diferente, revê-se naquela cena que eu trabalhei.

O que é que te inspira? Quais são as tuas fontes de ideias?
As minhas fontes acho que são o meu dia-a-dia, posso pegar nesta ideia do passado, da memória, a questão da nostalgia, acho que é algo que partilho aqui no espaço, mas, acima de tudo, aquilo que me rodeia actualmente. Eu acho que nós, enquanto artistas contemporâneos, devemos também pensar naquilo que é a nossa actualidade, não só emocionalmente, ou seja, nós próprios, mas também de um modo global e acho que é isso que me deixa com motivação para continuar.

A tua irmã, Soraia, também é artista plástica. Como é a vossa relação enquanto artistas? Partilham

opiniões, ajudam-se mutuamente?
É uma relação muito curiosa porque acaba por ser uma relação mais sensível àquilo que nos rodeia, e é bom, por um lado às vezes é difícil lidar porque, por ambos sermos sensíveis, podemos ter alguns desequilíbrios emocionais que podem criar algum conflito. Mas no bolo todo é uma experiência muito bonita porque nos leva a pensar de forma aberta das coisas e a discutir sobre o nosso trabalho de forma colectiva ou individual. Portanto, eu acho que é super importante e eu conto com ela sempre para me dar *feedback* aqui no estúdio e ela comigo quando tem os projectos dela. Eu acho que isso é uma relação muito bonita entre irmãos, é claro que, lá está, dois artistas são sempre difíceis de lidar, mas é curioso nesse aspecto, na questão da sensibilidade.

Publicaste, recentemente, a versão final do teu auto-retrato de 2022, numa outra publicação mencionaste que tens assumido um ritual de todos os anos, fazeres um auto-retrato. Porquê? O que retiras disso?
Acaba por ser um ritual, sim, e uma provocação a mim mesmo. Venho a fazer desde 2015, no mínimo um auto-retrato por ano, houve anos em que fiz mais, e serve mesmo como uma auto provocação. Não estou a falar só na questão plástica ou técnica da pintura em si, mas sim uma provocação a mim próprio para me auto conhecer e ver as minhas mudanças não só físicas, mas também psicológicas com o passar dos anos. Eu acho isso um ato muito curioso e, às vezes, é um ato de coragem, posso dizer. Mas no final das contas a parte plástica tem muito peso porque permite-me abrir horizontes, lá está, o auto-retrato deste ano é totalmente diferente de todos que eu já venho a fazer há anos. E acho curioso isso que é permitir arriscar, e é importante nós, enquanto artistas, termos essa coragem e essa vontade de ir mais além e testar os limites da arte, neste caso na pintura é crucial para crescer.

© GA!

© GA!

Para além da pintura, há alguma outra área das belas-artes ou artes plásticas na qual tens interesse ou te pretendas envolver?
Sim, eu trabalho maioritariamente desenho e pintura, mas, futuramente, espero este ano ainda ou no próximo voltar à escultura porque realmente é algo que sempre me intrigou bastante e tenho de voltar rapidamente porque a forma de expressão é totalmente diferente, aliás todas as áreas são diferentes umas das outras, podem ter algumas semelhanças entre elas, mas acabam por assumir uma diferença muito grande. Eu tenho a certeza que tenho de voltar porque recordo-me dos tempos em que eu esculpia deixava-me em paz, deixava-me livre e eu quero voltar a sentir isso na escultura novamente.

O que é que significa para ti, como jovem artista, as distinções que tens vindo a acumular? O que é que representam?
Acho que é o fruto da dedicação e do compromisso, do sacrifício e da coragem, da perseverança e da resiliência que se tem de ter sendo artista emergente, artista jovem na altura. Eu acho que é literalmente isso, é o fruto de uma caminhada, por vezes,

muito solitária, mas com foco e com uma visão muito grande. Eu acho que é importante, e isto é também uma dica para quem está a começar, para artistas mais novos que estejam a sair da formação, que é nunca desistir, ser mesmo resiliente e acreditar que o caminho é para a frente e não para trás, que há dias maus, há dias bons, mas o foco tem que estar lá. Eu digo isto a toda a gente com quem me encontro, mesmo alunos, porque hoje em dia temos tantas distracções e estímulos visuais fora do nosso contexto de trabalho, ou seja, pelas redes sociais, a internet e afins, que eu acho que temos que realmente nos focar naquilo que é a nossa paixão, naquilo que queremos, qual é o nosso propósito, nem digo objectivos, falo mesmo em propósito e eu acho que isso é algo que devemos colocar em cima da mesa para realmente encontrar a dita felicidade ou algo assim do género.

A Cultura passou por um momento difícil em contexto de pandemia, desde então tens visto melhorias? Achas que há mais ou menos apreciação pela Cultura depois de tantos meses quase sem ela?
Para mim a pandemia foi bastante benéfica no meu trabalho porque permitiu-me parar e pensar realmente quais seriam as próximas opções conceituais e no meu trabalho em geral, o que eu deveria seguir, também permitiu experimentar coisas novas, ou seja para mim foi bom nesse aspecto. Mas em termos culturais, fora do contexto de estúdio, não vejo ainda muita mudança, porque por vezes viajo para fora e sinto uma diferença abismal no tratamento da Cultura em relação ao nosso país. Claro que tem vindo a melhorar, mas ainda não é suficiente para que todos os artistas ou a maioria deles tenha subsistência para conseguir prosseguir os trabalhos. Eu acho que isso tem de partir também das entidades superiores para realmente permitir criar aqui um balanço e perceber o que é que será necessário e o que é que não será necessário. O orçamento de estado é um espelho daquilo que estou a falar, basta ver a posição da Cultura aí e uma sociedade sem Cultura é uma sociedade vazia, ponto final, é impossível uma sociedade crescer sem Cultura. Aliás, dá para ver pela pandemia, se as pessoas não tivessem livros, não tivessem séries, não tivessem filmes, se não tivessem música, se não tivessem exposições virtuais com é que iam reagir? Ia ser um colapso social literalmente. Quando paramos para pensar que todos esses realizadores e artistas estiveram lá a produzir para que as pessoas tivessem essa experiência artística, aí já olhamos com olhos de ver mesmo.

Parece-te que a pintura e as artes plásticas estão bem integradas no panorama/agenda cultural de Guimarães?
Não, não é suficiente ainda, estou a falar de forma transparente, não é suficiente porque acabo por assistir a outros contextos que me dão uma visão totalmente diferente daquilo que teria, talvez, há uns anos. Mas acho que o caminho ainda é muito longo para que Guimarães se torne um dos palcos das artes em Portugal, acho que é um caminho que ainda tem de ser traçado de forma muito calculada, mas que é preciso tomar algumas atitudes mais agressivas para impulsionar a Cultura em Guimarães, principalmente os artistas que estão cá e, claro, conheço alguns que já foram para fora por alguma razão, porque não é suficiente para realmente ter uma criação densa. É possível num período curto, mas eu falo sempre a longo prazo, estou a perspectivar isto para daqui a 5, 10, 15, o que é que será da Cultura aqui na cidade de Guimarães e eu estou a pensar dessa forma, pensar na coisa a longo prazo e colocar os artistas numa posição saudável no mercado e não em constante irregularidade.

Tu foste um dos artistas, em conjunto com outros pintores, que beneficiou do programa IMPACTA. Seriam necessários programas ainda maiores ou ainda melhores para apoiar os artistas da mesma forma que esse programa apoia?
Sim, acho que sim. A minha participação nesse projecto veio do convite do Zé Teibão, não fui eu próprio que me candidatei, mas acho que é crucial para termos um desenvolvimento da área artística, mas não vejo que seja suficiente. Lá está, eu não vejo as coisas numa fatia pequena, tento sempre ver o bolo, e num ano inteiro, numa questão de anos, qual é o impacto que uma actividade, uma iniciativa dessas possa ter a longo prazo? Claro que é bom que haja essas iniciativas, mas ainda não é suficiente. Não é suficiente porque há excelentes artistas em Guimarães e ficaria triste se daqui a 5 anos um terço não estivesse cá, ficaria triste, mas realmente validaria aquilo que estou a dizer, mas espero que isso não aconteça, mas veremos, só o futuro dirá.

Por falar em futuro, quais são as tuas perspectivas enquanto artista para o próximo ano, tens uma exposição a solo programada?
Vou fazer a apresentação da nova colecção que comecei em finais de 2021, será apresentada no próximo ano, no final do primeiro semestre ou inícios do segundo semestre, em Sintra. É para isso que estou a trabalhar agora, as projecções que estou a fazer é para aí e claro que as minhas intenções futuras, a longo prazo, daqui a uns anos, seria a internacionalização. Claro que gostaria de produzir em Portugal, mas a internacionalização acho que é importante para mim, para alavancar ainda mais o trabalho e mostrar a outro tipo de público, acho que isso também é importante porque a perspectiva que as pessoas possam ter sobre as minhas obras aqui será diferente em Espanha, será diferente em França, será diferente na China. Lá está, voltando ao início, o leque de narrativas possíveis seria totalmente diferente e eu acho que isso é muito curioso e é o testar, testar e ver no que vai dar. O meu foco é esse e estou curioso para ver qual será o resultado final da nova colecção. ●

© GA!

É uma arte com história no mundo. E em Guimarães está esquecida até que alguém lhe toque, esperando por um lamiré... de Sol (idariedade), cumprindo um Fá(do), enquanto duplo Ré(u)... Quiçá esperando por Outra Voz... e Som!

PATRIMÓNIO MUSICAL ESQUECIDO EM VÁRIA INSTITUIÇÕES

© GAI

Há um património musical perdido em arquivos de várias instituições: um património vasto e diversificado vertido em livros e pautas, deixada esquecida e escondida em armários de Museus e Instituições. Eduardo Magalhães, musicólogo, não é o seu guardião. É, seguramente, quem mais e melhor o conhece. O mais remoto é de 1533 e está guardado (e preservado) pelas instituições onde se depositam livros e partituras de música. Este espólio musical espalha-se pelo Museu Alberto Sampaio, Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, Paço dos Duques de Bragança, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Sociedade Martins Sarmento, Sociedade Musical de Guimarães e Colegiada da Oliveira. Está quase todo armazenado à espera de quem o ressuscite e lhe dê som… de novo! Esse património foi, inclusive, objecto de um curso, organizado pelo Museu Alberto Sampaio e pela Associação Amiguinhos do Museu. Esse curso não teve a pretenção de ser uma formação específica mas tão só para quem gosta da música numa abrangência cultural.

O património musical vimaranense é composto de...
Em primeiro lugar, tenho que definir a palavra Património já que o termo é dinâmico. Explicando melhor: o Património que temos hoje é maior do que o de ontem e será, necessariamente, menor do que teremos amanhã. Assim, quando se fala em património, há que emparedá-lo na história. O Património de que me venho a ocupar desde há já alguns anos é maioritariamente do século XV para a frente, esbarrando nos princípios do século XX, o que não exclui umas incursões arquivísticas mais recuadas como é o caso de fragmentos musicais, em pergaminho, guardados no Arquivo Municipal, e datados dos séculos XII a XIV. Deste modo, e respondendo objectivamente à pergunta, o Património que eu me refiro e pelo qual me tenho interessado, diversifica-se por Livros, Partituras de Música, Pintura, Ourivesaria, Tapeçarias e escultura. Vou acrescentar a esta enumeração algumas personalidades vimaranenses coladas por mérito e vocação a este património. Basta lembrar o grande João Lopes Faria, o historiador-mor de Guimarães, Bernardo Valentim Moreira de Sá, patrono do Conservatório de Guimarães, para não falar de outros de que gostaria de fazer realçar uma figura maior do meio musical da segunda metade do século XX vimaranense, o fidalgo do Toural. Mas há mais. A música ainda é vista por uma boa maioria de pessoas como entretenimento, seja instrumentalmente, seja vocalmente. Dizer a pessoas que se podem ler contextos musicais na pintura soará, no mínimo, pretensioso de quem afirma. Só que, desde o século XIX, para não recuar mais, existe uma área musical a que se chamou Iconografia Musical. Definindo Iconografia como *«escrita por imagem»*, basta acrescentar o *«musical»*. Já para não falar dos aspectos cognitivos que se desenvolvem quando a Educação Musical no ensino público for bem ministrada, desde idades menores das crianças.

De que modo se pode ver, ler, ouvir, gostar?
Para responder afirmativamente a esta questão teria que pressupor que a formação musical existente na sociedade era uma formação abrangente e que contemplasse algumas das bastantes espécies ou tipos de música. Falar em «música clássica», para além de a caracterização não ter rigor algum, é assustar muitas pessoas ou ouvintes. Isto porque a formação musical no ensino português é praticamente inexistente. O Ensino musical no 1º ciclo pode considerar-se nulo, embora esteja prevista nos programas oficiais dos quatro anos. A música quase se pode dizer arrumada nas Actividades de Enriquecimento Escolar, conhecidas por AEC. E, convenhamos, quando são ministradas nestas AEC, estamos a falar praticamente de actividade vocal, cantiguinhas para entreter o tempo. Não quero desvalorizar o acto de cantar só que, quando falamos em educação musical, o Cantar tem que pressupor objectivos. Quando avançamos para o ciclo seguinte, o único onde a Educação Musical pertence ao Programa e está no horário dos alunos com a carga horária de duas horas semanais, ministram-se conceitos a esmo, porque estão no programa, que prevê uma continuidade desde o 1º ano, em que este seria o 5º ano de Educação Musical. O próprio programa, para ser realista deveria ser revisto, mais propriamente, refeito. Como professor durante alguns anos deste grau de ensino, nunca me senti à-vontade a ensinar estas coisas aos alunos até porque não havia retorno da parte deles que em motivação quer resultados. Assim, e agora respondendo à pergunta, e reportando-me ao património da cidade, ver-se pode, visitando as instituições que guardam estes espólios, ler-se só conhecendo as escritas musicais, ou então alguma informação sobre história da música de molde a poderem entender-se algumas manifestações musicais expostas em diversos locais. Ouvir-se, só se forem os Carrilhões de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos ou da Basílica de S. Pedro do Toural, que também são instrumentos musicais.

De certa maneira é mais um património religioso ou ligado a ritos religiosos?
Posso responder que sim, que o grosso do espólio pertence ao campo religioso nas suas duas vertentes: litúrgica e religiosa. A diferença entre música litúrgica e música religiosa está no facto da litúrgica ser parte integrante do rito, seja Missa seja outro qualquer. Música religiosa é a música de temática religiosa variada que, naturalmente, também integra a litúrgica. Exemplificando: O Canto de Entrada nas missas modernas, é um canto religioso, mas não litúrgico, porque não pertence aos textos da Missa. Os únicos litúrgicos que se cantam são o *«Senhor tende piedade»*, o *«Glória a Deus»*, o *«Santo»* e o *«Cordeiro de Deus»*. Os documentos musicais guardados principalmente no Arquivo Municipal e na Sociedade Martins Sarmento, mas também na Colegiada da Oliveira e no Museu Alberto Sampaio, são livros ou partituras destas temáticas, litúrgica e religiosa. Mas não só. Lembremo-nos dos dois Hinos da cidade ou de hinos a associações e a individualidades vimaranenses, como o *«inventor»* das Gualterianas no modelo que se iniciou em 1906, João de Melo, por exemplo. Ou obras oferecidas a instituições da cidade, como os Bombeiros, a saudosa Associação Comercial, a Associação Artística, entre muitas outras, onde se inclui o clube de futebol da cidade com um hino datado de 1932.

Por exemplo, poderia, no caso da música ser tocado em qualquer instrumento ou interpretado por um músico ou uma orquestra?
Sim. Há música guardada que poderia servir de repertório tanto a instrumentistas a solo como em formação orquestral. Mas os grupos instrumentais têm uma base de repertório que passa pelos grandes nomes de músicos da história, como Beethoven ou Mozart, ou de outros países e, nacionalmente, afloram um ou outro compositor dos inícios do século XX, grandes músicos, naturalmente, do panorama musical português, como

Freitas Branco ou Viana da Mota. Não há uma política de divulgação do património local também por um motivo adjacente. É música ainda em cópias manuscritas, necessitando, por isso, de um trabalho de transcrição moderno que facilitasse a vida a quem as quisesse interpretar. Mantendo-me nos séculos XVII e XIX, a música era composta com o objectivo de ser executada, se não no imediato, de qualquer maneira a curto prazo. Dou como exemplo duas composições feitas propositadamente para o funeral da filha do meio do fidalgo do Toural, uma figura que passa despercebida a muitos vimaranenses. O palacete que foi dele, lá se mantém, antes da basílica de S. Pedro, testemunha de muito brilho musical nos seus salões, patrocinado por esse fidalgo, João Nápoles. A filha Helena, falecida com 20 dias de vida, teve direito às músicas, compostas sobre dois salmos, «a grande orquestra», como dizem as partituras, para o enterro da menina. A inspiração saiu de um amigo do fidalgo, um músico de origem basca muito conhecido e activo musicalmente no Porto, José Francisco Arroio. Se houvesse vontade, e se calhar seria necessária a vontade política também, esse património musical poderia ganhar som, de novo. Uma pequenina parte já teve direito a essa ressurreição, momentânea que seja, na publicação Hinos e Marchas Históricas de Guimarães, edição da Sociedade Musical de Guimarães e patrocinada pela Capital Europeia da Cultura. Foram 26 partituras que transcrevi e se fizeram ouvir em alguns lugares da cidade, como a Igreja de S. Francisco ou o Paço dos Duques de Bragança. Como este projecto, precisavam aparecer outros que obtivessem a mesma concretização.

Qual?

Não vale a pena estar a especificar quais as músicas que deveriam ou poderiam voltar a ouvir-se na cidade. Uma boa parte dos hinos que mencionei estão associados a instituições. Dou dois exemplos, um negativo e outro positivo. A fundação da Banda dos Guise que serviu de germe ao actual Conservatório de Música, tem um hino a que o compositor deu dois nomes: Hino da Banda ou Hino da Fundação. Existe, inclusive, a letra da autoria do poeta vimaranense, António Mendes Simões. Todos os anos, a 25 de Março, é comemorada a fundação desta instituição em 1903. A pergunta é lógica: porque não se apropriam do hino e o fazem ouvir de novo, tendo o privilégio de possuírem dentro de portas gente capaz de o fazer bem? Um exemplo positivo: A Sociedade Martins Sarmento também ganhou um hino, um ano após a sua criação, em Março de 1882. A música e letra são, como se costuma dizer, da prata da casa: música de Maria da Glória Sousa Bandeira, filha do director do jornal mais antigo de Guimarães, o Azemel e casada com um dos históricos da Sociedade, o dr. Avelino da Silva Guimarães. A letra é de José de Freitas Costa, um dos distintos redactores que deram vida à ainda pujante Revista de Guimarães. A partir do momento em que transcrevi a sua partitura e foi interpretada no âmbito da divulgação dos Hinos e Marchas Históricas, todos os anos, nesse 9 de Março, o hino faz-se ouvir, quando é possível interpretado vocalmente e acompanhado ao piano, ou quando não há possibilidades de músicos que o façam, o Hino ouve-se igualmente, mas através de gravação áudio. Fazem jus ao desejo de outro grande nome da cidade, o jornalista- historiador A, L. de Carvalho quando fala da Sociedade Martins Sarmento e que o Notícias de Guimarães transcreveu, no seu número de 2 de Setembro de 1956: *«Era necessário um Hino. E este surgiu. Para o acompanhar, compôs-se letra rimada. Ao nove de Março de cada ano, o hino estruge. (…) Os precursores da instituição como que renascem nesse hino. Tem estruturação apoteótica. Falta que o ensinem a cantar às crianças das escolas. Assim se consagrará o hino»*.

O que se pode aprender, na especificidade dos livros que fazem parte desse património musical?

Se considerarmos os livros litúrgicos, como o são o conjunto dos livros de coro guardados no Museu Alberto Sampaio, com a música e o texto referentes às Missas e ao Ofício Divino ou Ofício das Horas, aprendemos como era a sua estrutura pré-concílio de Trento, particularmente os livros que provieram do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, os mais antigos. O mais antigo da colecção é de 1533 e os outros são desta primeira metade do século XVI. Já o conjunto que serviu a Colegiada, mais pobres no que respeita a decoração e tipo de pergaminho utilizado, dá para comparar o período pré ocupação espanhola e a ocupação propriamente dita, já que os que aparecem datados, são entre 1610 e 1614. Aprende-se, em alguns deles, a forma como eram cantados ou em alternância com dois coros ou com o órgão, quando ele tocava à vez com o coro. Aprende-se, pelo cuidado e conservação dos livros, o valor que se tinha por eles. Um *«ex-libris»* deste património é o Passionário polifónico encontrado no acervo da Sociedade Martins Sarmento e que serviu de tese de doutoramento a José Maria Pedrosa Cardoso com quem tive o gosto de trabalhar e transcrever essa música dos finais do século XVI para notação musical moderna; uma edição de luxo, com o patrocínio da Capital Europeia da Cultura. Aí aprende-se uma forma peculiar de cantar as Paixões de Cristo, à moda, digamos assim, do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, uma forma tipicamente portuguesa. Para além de aprender como se escrevia música nesse período. Outras músicas, como o são os Hinos e as Marchas agregadas a Associações ou a devoções, como o Hino da Peregrinação à Penha ou o da Fonte de Santa Catarina, dão- nos uma ideia da importância destas instituições para merecerem a distinção de lhes dedicarem hinos ou marchas.

Que realidade se revê em todo esse património?

A realidade que se constata neste património é o de um património

VIAGEM AO MUNDO DA MÚSICA

O PATRIMÓNIO ESQUECIDO E ARMAZENADO

© GA!

armazenado. Musicalmente falando, é um património morto, no sentido em que poucos o valorizam e ainda mais poucos pensam na possibilidade de o trazer à vida, novamente. Julgarei que não estou a ser exagerado se afirmar que a quase totalidade dos vimaranenses desconhece que no janelão da Colegiada estão esculpidos 24 anjos músicos, em grande estado de degradação. Uma das coisas que se aprecia na Catedral de Santiago de Compostela, é o que se conhece como «Pórtico da Glória», um friso de 24 anciãos, cada qual com o seu instrumento musical. Uma obra medieval, bastante estudada e divulgada. Nós temos o nosso *«Pórtico»*, também: mas, ignorado e abandonado às intempéries do tempo e dos dejectos das aves. E isto num monumento classificado… Julgo que será urgente catalogar devidamente todo o Património Musical da cidade no que se refere a livros e partituras e pensar em colocar essa música nos ouvidos e não só nos olhos. E cativar e incentivar estudantes para trabalharem nas suas teses este testemunho de outros tempos antes que se percam ou se deteriorem sem regresso.

E qual é a utilidade tem todo esse património para além de peças de museu?
A utilidade do património que identifiquei é aquela que lhe quiserem dar; ou nenhuma, se quiserem continuar como até aqui. O ensino da música é dos mais tradicionalistas que conheci: do género, ensino como aprendi… com já bastantes honrosas excepções, a partir das gerações mais novas saídas dos cursos universitários que antes não existiam. O que significa, como já referi anteriormente, que é muito valorizado o ensino instrumental. Felizmente, o campo da investigação musicológica já se abriu e têm sido produzidas teses, quer de mestrado quer de doutoramentos muito interessantes e viradas para outras perspectivas diferentes da interpretação musical. Uma das áreas em que se têm desenvolvido investigações é na da Iconografia Musical: estudar a música a partir de obras de arte. Qualquer alteração de rotinas de ensino leva tempo a impor-se. Quero acreditar que o futuro da música terá enfoques mais diversificados. As arquivoltas do Janelão da Colegiada, por exemplo, são um óptimo recurso pedagógico para qualquer aula de organologia ou história da música.

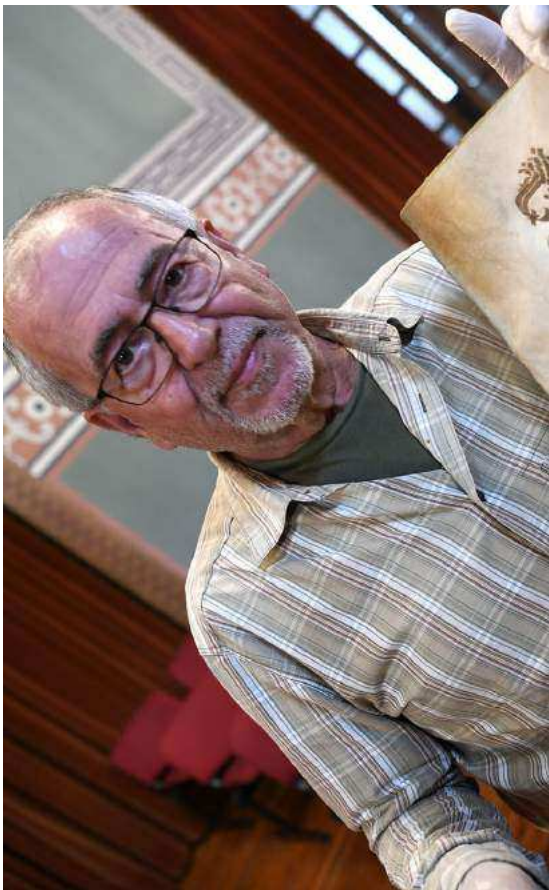
Ficará, para sempre, guardado nos arquivos? Não inspira ninguém?
Acho que a esta questão a resposta está contida na pergunta anterior. A formação musical no nosso país é pobre no que à variedade de cursos diz respeito. Um ensino universitário poderia conter, com facilidade uma ou duas unidades de áreas musicais que se adequassem ao curso em si. Quem desenha os curricula dos cursos é muito limitado na abrangência do mesmo. São afunilados para a especificidade esquecendo outros contextos que o poderiam enriquecer. Mas a música acaba por ser irrelevante mesmo para quem aprova esses curricula. Tenho conhecimento, porque leccionei lá, que a um Curso de Educação de Infância foi suprimida a Educação Musical e foi aprovado pelo Ministério. A pergunta impõe-se: a Educação Musical num curso vocacionado para crianças é ou não é nuclear?

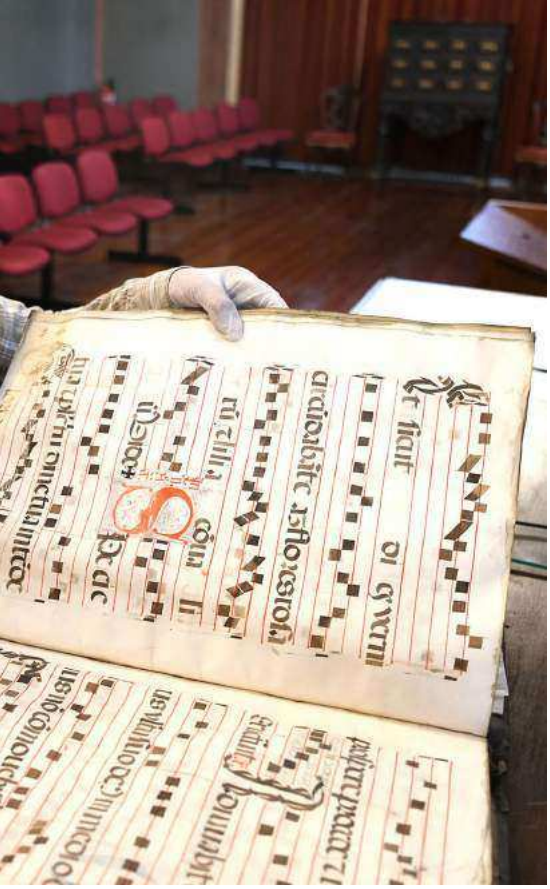
Que instituições guardam essa riqueza musical?
As instituições depositárias deste espólio musical são a Colegiada da Oliveira, A Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, o Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, o Museu Alberto Sampaio, a Sociedade Musical de Guimarães e o Paço dos Duques de Bragança. No que se refere à iconografia musical, podem encontrar-se manifestações em outros locais, como a capela de Nossa Senhora da Conceição e uma ou outra casa particular.

Quão rico é esse património?
A riqueza de um património como este, reside no valor que se lhe atribui. A música durante muito tempo foi relegada para interesse menor em relação a outras artes. Isto também se

© G.A.

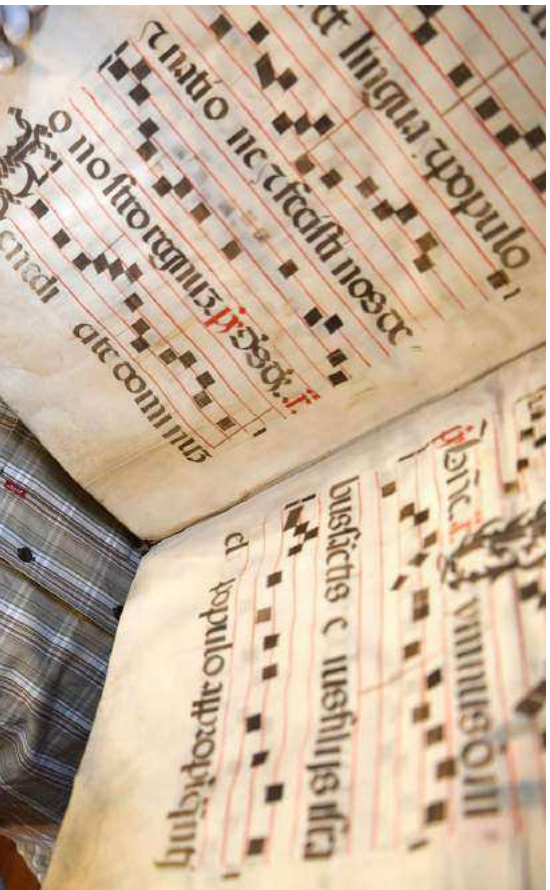
pode dever à sua especificidade. Para se apreciar uma música ela tem que se ouvir, diferente de outras artes que estão ao alcance dos olhos, como é o caso do cinema, da escultura, da pintura, logo, possíveis de se apreciar e valorizar. Uma partitura só é música quando sai do papel para o





instrumento musical. Por isso, desejo mesmo que alguém se interesse por interpretar esta história musical local que também pertence à história da música nacional.

Haverá alguns autores vimaranenses que ali possam ser encontrados?



© GAI

Sim, existem autores vimaranenses neste conjunto. O padre João Baptista Varela, amigo e companheiro de músicas do fidalgo do Toural e sobrinho do vizelense Frei Domingos Varela, autor de um Compêndio de Música, publicado no Porto em 1806; Francisco de Sá Noronha, que estudou na Colegiada, foi menino-prodígio do violino, emigrando depois para o Brasil, mas apresentando-se sempre como vimaranense; o padre Eugénio da Mota, compositor do hino da peregrinação à Penha e do Asilo de Mendicidade, e de outras peças; Bernardo Valentim Moreira de Sá, um dos grandes vultos da música portuguesa da segunda metade do século XIX e inícios de vinte, etc.

E os jovens, se confrontados com tal património, o que poderiam aprender?

Depende de quem ensina e se ensina. Há muito que eu reclamo, e não sou só eu, que o ensino público da disciplina de História deveria contemplar, obrigatoriamente, algumas unidades da história local. Transportando este critério para a música, dever-se-ia fazer o mesmo. Isso obrigaria a mexer no que está guardado há tempo demais e obrigava-se a transcrever essa história da vida musical de Guimarães e utilizá-la como material pedagógico e levá-la a audições quer de classe, quer públicas.

Passando para a actualidade, que património de hoje será transmitido para o futuro?

É difícil responder a esta questão já que são muitas variáveis a que está sujeita. Desde logo, se o património é valorizado ou não por quem tem poderes de decisão. Não saindo aqui de Guimarães, quem é que deveria assumir este património e elevá-lo até onde pudesse ser apreciado e valorizado? Falando de música e como já referi anteriormente, se nem a Escola de Música oficial da cidade revela interesses por ele… Por isso, e antes de tudo, haveria que formar e informar estes decisores e motivá-los para o resgate desta fortuna cultural adormecida em arquivos, bibliotecas e paredes.

D. João IV tinha o hábito de importar músicos para a sua corte. É o que acontece, hoje, por cá?

Os centros principais da Música nos séculos passados, foram variando consoante as modas, chamemos-lhe assim. Se o Renascimento se não pode situar em importância num só país, já que Inglaterra, França, Flandres e Itália são importantes neste movimento musical, já o período seguinte, nasceu em Florença nos finais do século XVI, o período barroco. E é de Itália e para Itália que saem e entram compositores que vêm viver e aprender este novo estilo que criou a Ópera e o espalham pela Europa conhecida de então. A Alemanha vai gerar dois monstros sagrados que ainda hoje se consideram os de maior relevo deste período: Bach e Haendel, dois germânicos com percursos profissionais diferentes. As cortes reais sempre precisaram de música para várias funções e ocasiões: música religiosa para os Ofícios, Música festiva para os grandes acontecimentos ou música do dia-a-dia para o quotidiano da vida cortesã. A música italiana porque dominante no gosto europeu, permitia que as suas figuras de relevo trabalhassem em diferentes cortes e que os reis patrocinassem músicos nacionais para que estudassem nesses centros. Portugal *«importou»* grandes nomes como o são Domenico Scarlatti ou David Perez, vindos, por vezes, para mestres-capela das principais sés do país, especificamente Lisboa e Évora, porque era entre estas duas que a corte real se movia. D. João IV, ele próprio um bom músico de formação, importou tudo o que era novidade em composições desse período, muitas delas perdidas mais tarde, infelizmente, no terramoto de 1755. Hoje, continuam a sair músicos das nossas escolas que vão continuar os seus estudos fora do país, num objectivo à vista de poderem usufruir de maiores perspectivas de trabalho. Só de cabeça e rapidamente, deixo quatro nomes das minhas relações de conhecimento: o violinista

J. M. Pedrosa Cardoso – Estudo, Transcrição e Revisão
Eduardo Magalhães – Musicografia
O Passionário
Polifónico
de Guimarães
The Guimarães Polyphonic Passionary
Edição da Sociedade Martins Sarmento
Publicada pela Fundação Cidade de Guimarães

© GAI

Emanuel Salvador, o clarinetista Pedro Minhava, a violinista Inês Marques e o fagotista Álvaro Machado.

O nosso talento musical é notado a que nível e por quem?
A resposta está directamente proporcional a outras áreas de competências nacionais. Somos um país pequeno, num extremo da Europa, isolado tempo demais das dinâmicas políticas, económicas e culturais dos restantes países. Os três nomes que mencionei estudaram em Guimarães e de Guimarães saíram com um rótulo de competência mas que a cidade não lha poderia aproveitar como deveria. O objectivo de um instrumentista é tocar numa grande orquestra que, em Portugal, como se sabe, são de porte menor, dificilmente permitindo uma carreira de sucesso aos músicos. Exceptuo a Orquestra Gulbenkian, naturalmente. Assim, mesmo com talentos reconhecidos, o destino profissional que lhes está reservado é o ensino de que fogem, a não ser que lhes não sejam abertas outras portas.

Como musicólogo, qual é a sua opinião sobre o que se faz e ensina, em Guimarães?
Embora a musicologia, como área, possa abranger tudo o que à música respeita, a semântica restringiu ao termo a área da investigação mais do que quaisquer outras. Assim, o musicólogo deve ter uma formação sólida em história para poder *«encaixar»* a música nos diferentes contextos. Quando menciono história não me refiro só à história sócio-política, mas também às artes, uma vez que a música aparece por todo o lado. Quando me questionam a formação em arte, respondo que só tive um semestre de história de arte nos meus tempos de licenciatura mas que, de qualquer maneira, me permitiram bases, poucas que sejam, para complementar uma maior formação. Já fazem muitos anos que estou fora do roteiro do ensino o que me dificulta uma resposta assertiva sobre o assunto. Quero acreditar que os ensinos modernos saiam daquele afunilamento instrumental e abranjam áreas periféricas de forma a permitirem ao futuro profissional capacidades investigativas mesmo que sejam na especificidade do seu instrumento. Lembro a este propósito que num tempo da minha vida em que apresentava a Orquestra do Norte, em concertos pedagógicos, por muitas escolas do país, sempre critiquei o formato das notas do Programa: aí podia ler-se informação bastante sobre o maestro, um bocadinho sobre a orquestra e nenhuma informação sobre os *«donos»* das obras. Espero que já não seja assim.

O panorama é agora diferente de antanho?
Decididamente, sim. Em primeiro lugar pela disseminação de escola, academias e conservatórios de música um pouco por todo o país e não só nos principais centros. E quando escrevo escolas estou a referir-me a ensino oficial e não a cursinhos de música pela rama, voltados para fazer-em músicos à pressa que tocassem quer em Ranchos e agrupamentos do género, quer em Bandas Filarmónicas. Uma Banda Filarmónica de Pevidém ombreia em profissionalismo e competência com as melhores do género. Pena a cidade ter deixado morrer a sua Banda dos Guises, com um fim inglório no ano de 1973. As próprias Casas de instrumentos musicais tinham *«escolas»*, embora com o objectivo de poderem vender o instrumento musical. Este ensino amador tem os seus méritos: servem outro tipo de formações musicais, numa perspectiva de festa e não de concerto.

O ensino da música, nas escolas particulares, de associações, como a Academia Valentim Moreira de Sá, o que lhe diz?
O ensino oficial da Música nunca ofereceu a aprendizagem de grande variedade de instrumentos. Para além do piano, aprendiam-se os instrumentos com representação nas orquestras sinfónicas. Assim, sobraram sempre muitos instrumentos do agrado popular e sem oportunidades públicas de os aprender. Entram aqui , então, as associações. Em Guimarães, lembro à cabeça, para além da Sociedade Musical de Guimarães, os Trovadores do Cano e o Círculo de Arte e Recreio. Refiro-me só à cidade e não ao concelho. A própria guitarra, dita clássica, não tem tantos anos assim de curriculum académico. Recentemente, por exemplo, a gaita-de-foles ganhou estatuto e já tem ensino oficial, bem assim como o acordeão. Agora, há que reconhecer que a abordagem nesse ensino era muito superficial e, instrumentalmente falando, muito facilitada. Falo com conhecimento próprio porque também eu me movi neste género de ensino.

Quais as personagens que na actualidade têm sido fundamentais para o desenvolvimento musical na cidade?
Se actualidade se situar no após Guimarães Capital Europeia da Cultura e começando por ela mesma, tenho a certeza que foi a grande viragem musical na cidade através de iniciativas, algumas das quais ainda perduram, como é o caso da *«Outra Voz»*. Mas há pessoas ligadas ao associativismo que afirmo foram fundamentais para a instituição da Música na sua vertente mais séria e académica. Lembro as reuniões em que participei, na década de 80 do século passado, entre associações da cidade que pretendiam uma escola única de música e convocadas pela Câmara Municipal: Conservatório da prof. Norma (como era conhecido), Sociedade Musical de Guimarães, Casa Vimúsica, Círculo de Arte e Recreio e, já não recordo, se os Trovadores do Cano também participavam. Abreviando, nasceu o Conservatório de Música de Guimarães, dirigido pela professora Norma, com estatuto de ensino oficial ratificado pelo Ministério da Educação. Irregularidades de funcionamento levaram ao seu encerramento pela inspecção do ensino. Aí, duas figuras da cidade foram essenciais para o surgimento da Academia de Música Valentim Moreira de Sá: o dr. Armindo Cachada e o dr. Domingos Salvador. O Dr. Armindo Cachada, jornalista de especialização

foi uma peça fulcral no desenvolvimento de áreas musicais até aí restringidas ao ensono do instrumento. A ele se deve a criação do Portal Musicave, saído das iniciativas promovidas sob a égide da Capital Europeia da Cultura. Sem ser músico, conseguiu ver para além da música como som tocado ou cantado. A Musicologia no que respeita à investigação em Guimarães, deve-lhe muito. Neste destaque, gostaria de mencionar o óptimo trabalho no ensino da música na Escola de Música e Bailado de Guimarães. Desde muito cedo que, diferente de outras associações, se rodeou de profissionais devidamente habilitados para o ensino da música, com algum destaque para as classes dos mais novos. *«Chapeau»* aos amigos Rui Donas e Helena Sousa. Outra figura da música com relevo em projectos que desenvolve ou desenvolveu, é o Tiago Simães, um músico muito completo, excelente profissional tanto na área vocal como na instrumental.

Que papel podem ter os equipamentos mais recentes?
Se estamos a falar do Teatro Jordão vou assumir a minha ignorância no que respeita às condições que oferece para substituir a velhinha Academia de Música Valentim Moreira de Sá. Se com instalações provisórias e exíguas se construiu uma grande escola de música na cidade, espero que, com recursos modernos, a escola progrida e se torne ainda mais relevante na cidade.

E nas associações, a música é o quê?
O meu trabalho de incursão na música histórica de Guimarães limitou-me bastante o conhecimento da vida musical nas associações vimaranenses. Pelos Media, sei que a Associação Artística tem vindo a promover actividades no âmbito da música dita clássica, em especial no que se refere ao canto. Desconheço a actualidade do ensino da música no Círculo de Arte e Recreio. A Associação Convívio continua activíssima em projectos musicais, continuando, anualmente a organizar o Festival de Jazz, já com uma vida considerável.

Nas bandas filarmónicas, a música ainda é o que era?
Tenho um carinho particular pelas Bandas Filarmónicas. Pelo meu curriculum passou em tempos longínquos a regência de uma Banda Filarmónica juvenil e, a partir daí, ficou-me gravado o gosto por estas formações musicais. No âmbito do Projecto Musicave, coube-me a tarefa de coordenar a organização e catalogação do espólio da antiga Banda dos Guises que foi disponibilizado online, neste momento em manutenção. Se a pergunta de direcciona sobre o papel das Bandas, a resposta é *«assim-assim»*, e explico: Hoje, a oferta do ensino da música corre todo o país, o que não acontecia há umas dezenas de anos atrás. Numa terra interior, aprender música significava entrar numa Banda e aí fazer a sua formação musical e instrumental. Assim, as Bandas cumpriam uma dupla função: pedagógica e cultural. Por outro lado, não havia festividade sem a música das Bandas Filarmónicas, o que hoje, já não é muito verdade. Por exemplo, nas primeiras gualterianas *«ressurgidas»*, em 1906, percorreram a cidade 12 Bandas Filarmónicas. É um exemplo recuado, mas quem assistir aos 3 dias das gualterianas pode fazer uma comparação com estes tempos. Uma Banda Filarmónica é um agrupamento que, economicamente fica dispendioso. Julgo, sem certeza, que muitos instrumentistas destas formações serão donos do seu instrumento, o que não acontecia antes. Era a Associação Filarmónica quem adquiria o instrumental todo. Os músicos das Bandas, por outro lado, são pessoas com formação musical, muitas vezes, para não escrever quase sempre, saídas das escolas de música ou ainda em formação. Isto permite que o repertório que elas executam, possa ser um pouco mais exigente. Lembro-me de ouvir músicos a afirmar a qualidade da sua banda por conseguirem interpretar duas peças comuns a quase todas as filarmónicas: o 1812, uma abertura de Tchaikovski e o Tannhaüser, outra

abertura, mas de Wagner quer uma quer outra com bastantes exigências técnicas e interpretativas. Eram obras quase obrigatórias para a Banda se afirmar de qualidade.

Nota-se mais jovens a aderir à música, tocando instrumentos variados?
Sim, naturalmente. Hoje, o ensino articulado e o ensino integrado permitem mais oferta e diversidade a quem goste de música. Há seis anos, quando coordenei e apresentei uns concertos de música feita para Guimarães e que incluí na obra Hinos e Marchas Históricas de Guimarães, a orquestra que interpretou esses hinos

© GAI

© GA!

e marchas era constituída por alunos e alguns professores do Conservatório de Guimarães. Isto revela que a música instrumental que se ensina se reparte por vários instrumentos e não só, como era antes e maioritariamente, pelo piano e violino. Numa actividade recente no Paço dos Duques de Bragança, integrada no Dia dos Museus e a pincelar com momentos musicais uma visita que dirigi, mostrando e comentando a Música nalgumas peças das colecções do Paço, lá tive uma menina a tocar fagote, por exemplo.

Que influências sentimos na música. São as mesmas de outrora?

Hoje, numa cultura global, já se não encontram influências de um só tipo na música. Penso estarmos a falar da tal música erudita, porque nos outros géneros, não me pronuncio. A música é compartimentada em períodos e os estilos destes períodos seguem os estilos de outros países, mas com nenhum em exclusivo. Diferente de antigamente em que já tivemos, por exemplo no barroco português, o italianismo, a que se seguiu nos finais do século XIX e princípios de XX, alguma influência alemã, por exemplo.

Que rumo seguirá o ensino da música em Guimarães, incluindo o canto?

Quero apostar que o ensino da música em Guimarães está devidamente solidificado e estruturado de forma a permitir esperança na qualidade dos profissionais que aqui se formarem. E por falar em canto, quero homenagear o trabalho e a dedicação da professora Janete Ruiz que deu corpo a um projecto coral com excelente qualidade tanto nacional como internacional. Estou-me a referir aos Jovens Cantores de Guimarães que honram a música da cidade e são um exemplo de excelência do que se produz musicalmente em Guimarães.

Será sempre mais amador - no sentido do que ama - ou mais profissional?

A cidade, pelo seu tamanho e pela oferta de saídas profissionais na música, tão cedo não consegue fixar os jovens que se formem no Conservatório. Ficarão alguns com vocação para o ensino, outros, a par da música, enveredarão por outros cursos que lhes permitam melhores saídas laborais. De maneira que acho que para além dos que vão fazer profissão da música, tanto no ramo instrumental como no ensino, vocacional ou genérico, passará sempre também pelo campo do amadorismo naqueles que gostam de música mas escolhem outras profissões.

Conhece os jovens que hoje se afirmam na Europa musical?

Das minhas relações directas e de amizade, inclusive, conheço três: o Emanuel Salvador, violinista e um dos elementos-chave do *«quarteto de cordas de Guimarães»*, a residir na Polónia (a esposa é polaca), a Inês Marques, violinista, que estudou na Alemanha e, julgo, toca numa orquestra austríaca e o Pedro Minhava, que estudou em Viena e toca lá numa orquestra.

O curso sobre o património musical vimaranense organizado pelo Museu Alberto Sampaio valeu a pena?

Estes projectos valem sempre a pena. E é um projecto a repetir. Decorreu em cinco sessões, três delas no Museu Alberto Sampaio, uma na Sociedade Martins Sarmento e, a última, no Paço dos Duques de Bragança. Julgo que os participantes, a partir de agora, irão olhar com outros olhos para o janelão da Igreja da Oliveira onde residem 24 anjos músicos e irão visitar com outros olhos as peças que se admiram no Museu Alberto Sampaio e no Paço dos Duques de Bragança. São passeios culturais pela história da cidade através das obras de arte que a cidade tem.

O que descobriu e sentiu neste curso?

Descobri, acima de tudo, que há um grande desconhecimento neste assunto. Já me pronunciei sobre a pouca importância que muitos atribuem à música. Este percurso também serviu para demonstrar que os mais antigos tinham outra consideração e valorização sobre ela. São passeios culturalmente diversificados porque a música tanto se encontra nas peças de ourivesaria, em baús para enxovais de noivas, em pinturas temáticas que tanto incidem em cenas bíblicas como de mitologia greco-romana. Esta diversidade obrigou-me a uma actualização de alguns conhecimentos que tinha arrumados e os tive que trazer à tona para me sentir à-vontade nas explicações. Foi uma actividade cultural que me deu imenso prazer em participar nela e, com certeza, que terá uma continuação. ●

© GAI

10 ANOS CONTEXTILE: O EVENTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO ANO

© GA!

© GA!

10 anos, 10 tópicos que acompanharam a sexta edição da Bienal de Arte Têxtil Contemporânea, a maior e a mais ambiciosa desde a sua estreia em 2012. *"Re-Make - Diálogos para uma Cultura Têxtil"* foi o conceito adotado para este aniversário memorável, partilhado com Guimarães – Capital Europeia da Cultura.

Reconhecida como uma referência internacional no âmbito da arte têxtil contemporânea, a bienal Contextile nasceu em 2012, aquando de Guimarães – Capital Europeia da Cultura, em estreita ligação com este território de cultura têxtil. No seu 10º aniversário, a Bienal reforçou a sua programação, destacando-se uma exposição antológica que reuniu dez artistas marcantes na história da arte têxtil contemporânea portuguesa nos últimos 60 anos.

O programa incluiu, ainda, a mostra coletiva de artistas do país convidado, a Noruega. Foram dadas a conhecer as obras selecionadas para a sempre central Exposição Internacional, bem como os resultados dos processos de criação em residência artística a partir do território. Presença marcante na Bienal foi a do reconhecido artista ganês, Ibrahim Mahama, que concebeu duas intervenções em espaço público na cidade.

Ao longo de uma década, a Contextile tem seguido a matriz conceptual de desafiar-se a si própria e desafiar os artistas a colocar o textile noutro contexto, no contexto da arte contemporânea. *"Ao fim destas seis edições, houve, naturalmente, algumas dificuldades, mas houve essencialmente uma evolução em crescendo da participação dos artistas na Bienal"*, revela o diretor, Joaquim Pinheiro.

O impulsionador da Bienal Arte Têxtil Contemporânea destaca a exposição internacional como a *"atividade mais relevante desde o início"*, na medida em que, através de uma *open call*, incitam os artistas a fazerem

© GA!

propostas a apresentar à internacional. Esta é uma exposição competitiva que implica um prémio aquisição, adquirida pelo Município de Guimarães, e na qual é convidado um júri para selecionar cinquenta artistas e cinquenta obras. Posteriormente, em exposição, é selecionado o vencedor do prémio aquisição.

"Ao fim de 10 anos e seis edições, podemos dizer que a Contextile conseguiu afirmar-se a nível nacional, mas, sobretudo, a nível internacional. Prova disso é que na primeira edição tínhamos uma participação global de 233 artistas e nesta edição de 2022 tivemos 1250 artistas de 76 países", sumariza Joaquim Pinheiro. O Diretor da Bienal constata, ainda que, enquanto em 2012 a participação de artistas nacionais correspondia à mesma percentagem de internacionais, nas edições mais recentes denota-se uma participação estrangeira muito mais elevada. Dos 1250 criadores que participaram na Contextile de 2022, *"nem 10% foram nacionais"*.

© GA!

Na sua análise, Joaquim Pinheiro aponta que a Bienal tem crescido também em número de visitantes, admitindo que o primeiro ano, 2012, foi um ano particular porque a Contextile *"usufruiu"* da dinamização de Guimarães - Capital Europeia da Cultura. Ainda assim, a Fundação Cidade de Guimarães, na época responsável pela organização de diversos eventos culturais, considerou a Contextile um sucesso, permitindo que a Bienal obtivesse um crédito para continuarem a avançar, *"mesmo com um orçamento sempre muito low cost e com dificuldade de financiamento"*. Mesmo com entraves monetários, contaram sempre com o apoio da Câmara Municipal de Guimarães, da DGArtes e de algumas empresas.

Esta sexta edição que marca o 10º aniversário da Bienal de Arte Têxtil Contemporânea diferencia-se *"pela escala"*, por uma *"programação maior"* e por envolver *"um ou dois projetos paralelos"*. A *"Temporada Cruzada: Guimarães - Clermont-Ferrand"* foi um desses projetos satélites que uniu a cidade Berço à conterrânea francesa, numa parceria entre a Contextile e o Festival Internacional dos Têxteis Extraordinários (FITE). Joaquim Pinheiro realça, ainda, a exposição antológica no Centro Internacional das Artes José de Guimarães, que reuniu dez artistas que utilizaram o têxtil na arte contemporânea. O Diretor do evento assinala a *"qualidade de participação, qualidade dos artistas, qualidade da residência, das exposições"* como fatores que distinguem esta edição das restantes.

"Se é verdade que os milhares de vimaranenses não vêm visitar a Bienal, também é verdade que há muitas centenas que vêm e as pessoas, de uma forma ou de outra, têm contacto com a Contextile", abordou Joaquim Pinheiro, relativamente ao impacto do evento na cidade e nos seus habitantes. Quanto ao impacto económico, o responsável pela Bienal afirma que este *"é muito maior que qualquer outro evento"*, acrescentando que *"tem um impacto económico* [positivo] *maior que o seu próprio orçamento"*.

"Antes da Bienal há artistas que vêm para residência, isso tem um impacto direto enorme porque têm que dormir, têm que comer, têm que criar, e para tudo isso é necessário um orçamento, e depois também vêm as suas famílias visitar", explica Joaquim. *"Se tínhamos um orçamento, por exemplo, de 80 mil euros na primeira edição, nesta edição, que é especial, tivemos um orçamento na ordem dos 350 mil. Mas podemos dizer seguramente que o impacto direto e indireto*

© GA!

em termos económicos é multiplicar por quatro os 350 mil euros", assegura.

Joaquim Pinheiro, no seguimento dos impactos da Bienal, revela que *"há três casos de artistas que fizeram investimentos e vieram viver para Portugal"*. *"A última decisão teve a ver com a nossa amiga que esteve na maioria das edições, a Cindy Steiler, que até estamos a ajudar a arranjar, aqui na zona, uma casa"*, confessa.

Um dos principais objetivos da Bienal Arte Têxtil Contemporânea tem sido, desde os seus primórdios, promover e dinamizar a indústria têxtil da região, outrora muito mais ativa do que atualmente, daí a criação das residências artistas em parceria com as empresas. *"O envolvimento das empresas como parceiras é fundamental porque estamos num território de cultura têxtil, cultura no sentido de conhecimento, de capacidades, que faz parte da comunidade do têxtil, que faz parte do ADN das pessoas"*, reitera Joaquim.

Para o diretor da Contextile, as residências artísticas são mutuamente benéficas, para o artista e para a empresa que o acolhe, *"é uma forma de partilhar conhecimento"*. Para os residentes é, essencialmente, uma forma de obter *"experiência"* e *"know how"*, ter contacto direto com a indústria. Para as empresas, é uma *"oportunidade de trabalhar com um artista"*, ter alguém mais ligado à arte que traga uma *"nova perspetiva"* àquilo que é já feito no quotidiano.

A questão do orçamento e financiamento é sempre uma questão sensível, agravada pelo facto de que a Contextile não gera lucros para a organização e por isso estão sempre, de algum modo, dependentes dos apoios da Câmara Municipal, DGArtes e empresas parceiras. Este ano, o executivo camarário contribuiu com cerca de 40 mil euros para um orçamento total de 350 mil euros.

© GA!

Sendo este evento bienal, implica um ano mais parado, ainda que vão surgindo algumas iniciativas, como exposições e residências artísticas, bem como a preparação para a edição seguinte. O próximo ano trará uma colaboração num evento em Espanha, o Peninsulares – Encontros Ibéricos de Arte Têxtil Contemporânea, que teve já o seu prelúdio numa exposição na Contextile 2022. Quanto ao futuro da Bienal, *"vai continuar a acontecer"*, ainda que, provavelmente, não na escala desta sexta edição. Joaquim Pinheiro reforça que *"a missão da Contextile é promover e divulgar a arte têxtil contemporânea portuguesa e internacional"*. ●

© GA!